

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Giullia Quevedo

O existencialismo em *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector

Taubaté - SP

2020

Giullia Quevedo

O existencialismo em *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a graduação em Letras, pela Universidade de Taubaté.

Orientador: Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvêa

Taubaté - SP

2020

Giullia Quevedo

O existencialismo em *A cidade sitiada*, Clarice Lispector

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a graduação em
Letras, pela Universidade de Taubaté.

Orientador: Prof. Me. Luzimar Goulart
Gouvêa.

Data: 03 / 12 / 2020

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Professor Me. Luzimar Goulart Gouvêa (orientador)

Universidade de Taubaté

Profa. Dra. Adriana Cintra de Carvalho Pinto

Assinatura: _____

Universidade de Taubaté

Professor Me. César Augusto Eugênio

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Esta monografia é dedicada a todos aqueles que, assim como eu, são amantes formidáveis da literatura escrita por Clarice Lispector. Á todos que buscam enxergar a vida pelas minuciosidades dos acontecimentos, que tentam questionar o propósito da vida pela intensidade de questionamentos elevados. Aqueles que não se contentam em apesar vagar nos caminhos da terra, mas sim que buscam o sentido do vagar na conformidade de universo e mundo.

Dedico a todos aqueles que buscam e querem mais, que por meio da introspecção tentam adentrar ao núcleo de si de forma incompensável. A todos os que se dedicam, assim como eu, deliciar-se da experiência de tentar compreender o vasto mundo escrito por Clarice Lispector. Aqueles que indagam suas indagações e conspiram á forma transcendental que suas entrelinhas formulam a vida.

Primeiramente, agradeço as entidades de caráter divinal, que desde sempre me auxiliaram em momentos decisivos e importantes de minha vida.

Agradeço aos meus familiares, em especial Ana Silvia Dias Trindade e Francisco Carlos Quevedo, meus pais, que sempre me deram demasiado apoio e afago em momentos que foram de extrema necessidade, me ensinando minuciosidade referente a vida as quais levo e sempre levarei como instrução. Agradeço também ao meu irmão, Mayky Lauton, que assim como eu caminhou por entre os corredores e salas da universidade, aprimorando seu conhecimento e desejo de pesquisa.

Também é válido lembrar dos queridos professores que me acompanharam em minha trajetória acadêmica.

Ao querido professor e mestre Luzimar Goulart Gouvêa, remeto grandes saudações e agradecimentos por excelentíssimo auxílio na formulação desta monografia, caminhar em busca de conhecimento juntamente com suas instruções me auxiliaram a formulações magníficas tanto em questão ao trabalho aqui edificado, quanto em muitas de minhas concepções pessoais.

Agradeço a professora e mestra Adriana Cintra de Carvalho Pinto por grandes posicionamentos altruístas em momentos em que necessitei de auxílio em minhas questões.

Cesar Augusto Eugenio, faz-se de extrema importância em questão da eleição do tema percorrido nesta monografia. Em suas aulas extremamente bem ministradas, aprendi a perceber a filosofia em todos os aspectos enfrentados em meu caminhar.

Ainda é válido lembrar de queridos amigos que me acompanharam nesses anos em que estive focada em meus estudos: Guilherme Leone, Julia Bonani, Carolina Palma, Victoria Bonani, Simone Guimarães, Veronica Brancatti, Joao Victor Barbosa, entre outros que conheci durante meus momentos acadêmicos.

Além dos nomes citados, é válido ressaltar com grande amor a presença de dois queridos essenciais para minha finalização quanto a meus estudos: Laura Florençano Gallão e João Guilherme Camargo Leite, os quais me auxiliaram muito em momentos finais de minha conclusão acadêmica.

Vale mencionar a construção de uma amizade muito especial vinda do ambiente profissional com a professora Mônica Vianna Correa, docente que teve papel muito importante em meus primeiros contatos em sala de aula.

A todos que fizeram parte da minha construção acadêmica e sobretudo como ser constituído neste mundo, obrigada!

Ouve apenas superficialmente o que digo e da falta de sentido nascerá um sentido como de mim nasce inexplicavelmente vida alta e leve. A densa selva de palavras envolve espessamente o que sinto e vivo, e transforma tudo o que sou em alguma coisa minha que fica fora de mim. A natureza é envolvente: ela me enovela toda e é sexualmente viva, apenas isto: viva. Também eu estou truculentamente viva - e lambo o meu focinho como o tigre depois de ter devorado o veado.

(...)

Escrevo-te à medida de meu fôlego. Estarei sendo hermética como na minha pintura? Porque parece que se tem de ser terrivelmente explícita. Sou explícita? Pouco se me dá. Agora vou acender um cigarro. Talvez volte à máquina ou talvez pare por aqui mesmo para sempre. Eu, que nunca sou adequada.

RESUMO

O **tema** deste trabalho é o Existencialismo na obra *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector. Como **pergunta de pesquisa**, temos: como se manifesta o Existencialismo na referida obra? Como **objetivos**, temos: 1) apresentar alguns conceitos acerca da filosofia existencialista de Heidegger e de Jean-Paul Sartre, seguidos de apontamentos sobre a literatura existencialista; 2) apresentar a autora, sua obra em geral, a recepção crítica dessa obra bem como apresentar a obra de estudo, ou seja, o livro *A cidade sitiada*, e uma pequena recepção crítica específica desta obra; 3) analisar como se manifesta o existencialismo nesta obra de Clarice Lispector. Esta pesquisa se **justifica** por lançar luzes sobre questões filosóficas ainda contemporâneas bem como se **justifica** por fornecer explicações e por caracterizar o viés existencialista da obra clariceana. Ainda se **justifica** pela contribuição que pode ser dada a estudantes do ensino médio e superior para a leitura de Clarice Lispector. Como **embasamento teórico**, aproveitamo-nos de autores como Sartre (1970, 2016). A **metodologia** empregada será a da pesquisa bibliográfica, de viés qualitativo. Como **resultados**, temos a conclusão da existência do viés filosófico do existencialismo na literatura clariceana.

Palavras-chave: *A cidade sitiada*. Clarice Lispector. Existencialismo. Jean-Paul Sartre.

ABSTRACT

The **theme** of this thesis is the Existentialism in the piece of work *The besieged city*, by Clarice Lispector. As a **research question**, we have: how does Existentialism manifests itself in the referred work? As **purpose**, we have: 1) to present some concepts about the existentialist philosophy of Heidegger and Jean-Paul Sartre, followed by notes on existentialist literature; 2) to present the author, her work in general, the critical reception of that work, as well as presenting the study work, that is, the book *The besieged city*, and a small critical reception specific to this work; 3) to analyze how existentialism manifests itself in this work by Clarice Lispector. This research is **justified** by shedding light on philosophical issues that are still contemporary, as well as **justified** by providing explanations and by characterizing the existentialist bias of Claricean work. It is still **justified** by the contribution that can be given to high school and college students for reading Clarice Lispector. As a **theoretical basis**, we take advantage of authors such as Sartre (1970, 2016). The **methodology** used will be the one of the bibliographic research, with qualitative bias. As a **result**, we conclude that the philosophical bias of existentialism exists in Claricean literature.

Key words: The besieged city. Clarice Lispector. Existencialism. Jean-Paul Sartre.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 UM OLHAR SOBRE O EXISTENCIALISMO	11
2.1 O existencialismo de Sartre	11
2.1.1 Apontamentos sobre a literatura existencialista.....	20
3. UM OLHAR SOBRE CLARICE LISPECTOR.....	27
3.1. Aspectos bibliográficos	27
3.2 A obra e recepção crítica Clariceana	34
3.3 O romance <i>A cidade sitiada</i>	41
4. A CONSTRUÇÃO DO EXISTENCIALISMO EM CLARICE LISPECTOR.....	47
4.1 Percebendo as obras em comparação	47
4.2 Os desertores existencialistas	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

Dentre os diversos temas filosóficos encontrados na literatura, apresenta-se de forma relevante o existencialismo, o qual, em apertada síntese, busca analisar o processo de formação interna do ser humano, sua essência propriamente dita, que viria a se construir no decorrer de sua vida, através do processo de transformação constante que lhe é inerente.

Tal tema mostra-se importante ainda na atualidade, principalmente em se tratando da produção literária de Clarice Lispector, especificamente para o presente trabalho com a obra *A cidade sitiada*.

A escolha da análise da obra de Clarice Lispector, considerando o viés filosófico, representa um desafio para qualquer estudioso que deseja se aprofundar na literatura da autora. Sua linguagem e escrita marcadas por muitas construções muito difíceis de desvendar torna a pesquisa dentro de suas entrelinhas uma deliciosa missão de decifrá-la e decodificá-la por meio de um conjunto indagador.

Nesse rumo, aquele que se interessa por suas obras e busca lê-las atentamente irá se deparar com formas de reflexões em torno do questionamento do ser, assim como com palavras imagéticas com grande profundidade nas construções textuais formadas por sensações, monólogos, imagens, silêncios, diálogos e grande presença de fluxos de consciência conspiram e se fundem para formar o prisma essencial de sua narrativa.

Tendo essas premissas, esta monografia será desenvolvida em três partes, nas quais, inicialmente, apresentar-se-ão alguns conceitos acerca da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, seguidos de apontamentos sobre a literatura existencialista. Posteriormente, debruçar-se-á sobre o universo literário de Clarice Lispector, sua obra em geral, características, a recepção crítica, bem como apresentar-se-á o livro *A cidade sitiada*, o objeto de análise. Por derradeiro, será apresentada análise de como se manifesta o existencialismo na referida obra da autora.

Assim sendo, no intento de jogar luzes sobre questões filosóficas ainda contemporâneas, bem como trazer maior clareza à literatura de viés existencialista na obra clariceana, através de metodologia de pesquisa bibliográfica, de viés qualitativo, pretende-se elucidar a seguinte questão: Como se manifesta o Existencialismo na obra *A cidade sitiada*?

2 UM OLHAR SOBRE O EXISTENCIALISMO

Quando pensamos na palavra existencialismo, logo vem a cabeça pensar sobre a existência. Muitas pessoas associam essa palavra a milhares de circunstâncias em que se depara com a realidade árdua da vida, principalmente em questão aos divagares internos. Quem nunca escutou alguém dizer que se encontra num dia um tanto existencialistas? Quem nunca conversou com alguém próximo seja amigos, parentes e até mesmo em redes sociais que está em meio a uma crise existencialista? Será mesmo que utilizamos desses termos de forma certa? Compreendendo o pensamento filosófico gerado pelos filósofos existencialistas?

Pois bem, o que buscaremos tratar é exatamente como se manifesta o existencialismo na sociedade, em busca de compreender a filosofia de Jean-Paul Sartre e Heidegger mediante a essa vertente filosófica.

2.1 O existencialismo de Sartre

A leitura filosófica existencialista, em seus primeiros momentos, foi desenvolvida por Sören Kierkegaard durante o século XVIII. Este filósofo, conhecido como “o pai do existencialismo”, foi o primeiro a dar entrada nesse universo filosófico, partindo da linha do existencialismo cristão, defendendo questões como a do livre-arbítrio e a da irreduzibilidade da existência humana. Por conseguinte, desta filosofia advém a linha de pensamento de Heidegger, que desenvolveu uma proposta cujo cerne aponta que o ser humano pode provar de uma existência autêntica ou inautêntica. (BARROS, 2009, p. 11-12)

Abrindo o capítulo com esses dois nomes que desenvolveram o existencialismo, a partir de uma ordem cronológica, passamos então a tratar do filósofo sobre o qual este trabalho irá debruçar-se e sobre seus fundamentos teóricos e filosóficos: Jean-Paul Sartre (1905-1980), que é considerado um dos maiores representantes da filosofia existencial no mundo. Sua ideologia foi construída em torno do século XIX, quase iniciando o século XX.

Após adentrar no mundo da filosofia existencialista, tomando como base a obra *O existencialismo é um humanismo* (1940), sequencialmente também iremos abordar, de forma sucinta, a filosofia existencial na literatura.

O pensamento filosófico existencial, como o próprio nome já sugere, busca analisar a existência humana e como ela é consolidada na sociedade.

Em *O existencialismo é um humanismo*, Sartre irá buscar compor primordialmente a consolidação dos dois termos já expressos no título de sua obra: o existencialismo e o humanismo. Procuraremos compreender suas teses centrais que envolvem temas como liberdade, existência, a questão da crença em Deus, a má fé e como esses termos são construídos, visando a um pensamento filosófico voltado para as teses existencialistas na sociedade.

Iniciando sua composição filosófica no referido texto, Sartre abre sua obra com apontamentos quanto à questão da doutrina diante da sociedade. Essa doutrina provém de dois pontos de vista quanto aos segmentos comportamentais e ideológicos: marxista e cristão. Essas duas visões citadas se contrapõem à ideologia existencialista.

A primeira visão, marxista, irá rebater a filosofia existencialista como uma angústia que parte da ideologia burguesa, uma vez que se constrói por intermédio do erigir-se de uma sociedade de classes. Já a visão cristã cita que essa angústia se constrói por conta de a ideologia existencialista tecer um parâmetro negativo da construção da visão humana, uma vez que o existencialismo, na visão dos cristãos, traz um sentimento de descrença quanto à composição dos sentidos positivos quanto à essência da humanidade, excluindo “as belezas” da vida por conta de uma visão “cruel” de construção social.

Sartre, então, irá rebater esses dois tipos de críticas feitas a sua ideologia. Primeiramente, rebatendo os marxistas, ele irá argumentar que sua ideologia parte do pressuposto de que o ser humano nasce livre para escolher; uma vez, então, nascendo livre, ele se desprende das formulações da sociedade de classe, ou seja, o ser humano nasce partindo do pressuposto de que não é nada e de que pode construir-se no que bem quiser.

Um trecho que comprova esta afirmação:

O fato de que essa decomposição possa desvendar certos aspectos da condição humana e tornar possíveis certas intuições metafísicas não significa que essas intuições e esse desvendamento sejam ilusões da consciência burguesa (SARTRE, 2015, p. 199).

Sartre, quanto à composição cristã contrária à sua filosofia, afirma que ela parte de um ponto otimista, uma vez que se faz adentrar na questão do otimismo proveniente da ação. A partir do momento em que o homem escolhe seus modos de agir, ele escolhe,

por si, aquilo que quer ser, em que quer se engajar, e isso faz com que ele escolha a si mesmo. Escolhendo a si mesmo, a partir dessa política do engajamento, escolhe também a humanidade inteira.

Em seguida, Sartre (1940) aborda em sua obra o *Existencialismo é um humanismo* duas vertentes do existencialismo: o cristão e o ateu. O cristão era mais voltado às considerações de Jarpes e Marcel, e o ateu, solidificado por Heidegger. O que se busca entender desses dois pontos de vista é que eles, em suas ideologias, consolidam uma mesma ideia: o fato de a existência preceder a essência. Ele busca apontar este preceito, pois, para compreender sua filosofia, que se baseia no fato de a existência proceder a essência, é muito importante entender esses dois conceitos e como eles se formulam ideologicamente. Para exemplificar de uma forma mais compreensível, compacta e simples, ele dá o exemplo de um objeto que é criado com uma finalidade. (SARTRE, 1970. p.7-8)

Então, por exemplo, se pensarmos num cadeado, para a fabricação desse objeto é necessário que se pense antes na sua função para depois transformá-lo em matéria física. Ou seja, existe uma fórmula previa para a construção desse objeto com o objetivo de suprir determinado tipo de necessidade. Assim, pode-se perceber que sua produção (essência) precede sua existência.

Esse exemplo nos faz entender, de forma clara, como seria sua situação contrária: a existência surgir antes da essência. Entendendo essa noção primordial de sua filosofia, o autor, a partir disso, explica a questão do Deus criador, para os cristãos, e, logo em seguida, engaja seu texto, explicando o ateísmo que ele prega e seus fundamentos.

Primeiramente, antes de explicar sua ideologia ateia, como já dito no parágrafo anterior, ele explica a questão do Deus criador. Pegando o exemplo do objeto, na ideologia do Deus criador, o processo seria o mesmo. Um Deus que tudo cria e tudo gera por predeterminação estaria criando um homem cujas características e composições de vida já teriam um destino programado para acontecer. Ou seja, neste caso a essência já estaria pré-estabelecida antes de sua existência, tendo o mesmo significado do exemplo do cadeado.

No trecho abaixo, Sartre expõe essa ideologia, citando um corta-papel, que seria o mesmo objeto que, nesse trabalho, foi dado como exemplo um cadeado.

[...] e Deus produz o homem segundo determinadas técnicas e em função de determinada concepção, exatamente como o artífice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. Desse modo, o

homem individual materializa certo conceito que existe na inteligência divina. (SARTRE, 1970, p. 9).

Partindo dessas considerações quanto ao Deus criador, Sartre então apresenta sua ideologia ateísta quanto à questão de a existência vir antes da essência. Para ele, a situação acontece ao contrário, pois não existe um pré-determinismo. O homem, a partir de sua concepção no mundo, é que vai construir, por intermédio de sua liberdade, de sua essência.

A questão de um Deus construir toda uma forma de relação de pessoas com o mundo, para ele, é nula. O homem é quem vai, a partir de suas condições no mundo, se direcionar em suas atitudes, ele é livre para escolher sua projeção futura. Até mesmo por essa linha de raciocínio, o filósofo escritor da obra que este trabalho aponta diverge dos pensadores do século XVIII. O ateísmo dos filósofos desse século descartava a presença de um Deus criador, porém eles acreditavam na essência da “natureza humana”, ou seja, todos os homens, antes de sua existência, já vêm com uma construção essencialmente da natureza humana atrelada a ele.

No século XVIII, o ateísmo dos filósofos elimina a noção de Deus, porém não suprime a ideia de que a essência precede a existência. (...) O homem possui uma natureza humana; essa natureza humana, que é o conceito humano, pode ser encontrada em todos os homens, o que significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal: o homem. Assim, mais uma vez, a essência do homem precede essa existência histórica que encontramos na Natureza. (SARTRE, 1970, p.9)

E, para amarrar sua questão existencialista, como já explicado anteriormente, aponta que:

[...] se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. (SARTRE, 1970, p.10)

Significar então que a existência do homem precede a essência é falar que ele se engaja no mundo e constrói seu futuro a partir de si mesmo e da liberdade de essência que todos os homens têm para fazer-se no universo.

Isso também significa que, a partir de sua decisão de escolha, ele não é só responsável por si próprio, mas, sim, pela humanidade inteira, uma vez que suas atitudes condizem inteiramente quanto à sua percepção e quererem em sentido da humanidade,

uma vez que, ao posicionar-se, ou destinar-se em determinada atitude, ele se engaja experimentalmente e ideologicamente no mundo.

Este então é o princípio do existencialismo: “O homem nada mais é do que aquilo que faz de si mesmo”. (SARTRE, 1970, p.10)

Sua primeira composição quanto a isso é então a de colocar o homem na posse de si mesmo, e fazê-lo totalmente responsável por sua existência. Após esses apontamentos, o autor, em seu texto, entra numa questão muito importante para compor seu consolidar na filosofia existencialista: a subjetividade humana.

O subjetivismo é um ponto importante para compreender a filosofia existencialista de Sartre. A subjetividade é posta em questão da liberdade, o homem se torna humano na medida em que existe. Como já falado anteriormente, ele se opõe quanto à questão de a natureza humana ser já pré-estabelecida. Tudo está por se fazer, em questão de suas emoções e de seu conhecimento interno e de mundo. O fato é que existem níveis de consciência que se estabelecem quanto à realização de um projeto de vida, no qual suas escolhas estejam vinculadas dentro de certos limites. Em meio às contradições, existem escolhas que provocam sua condição de sujeito. O subjetivismo está construído quanto à formação do sujeito que escolhe, ele constrói sua própria essência vinculada em sua liberdade. (SARTRE, 1970, p.10-11)

Essa liberdade de escolha faz com que ele escolha não somente a si mesmo, mas também a humanidade inteira, uma vez que, engajado por sua liberdade, suas escolhas serão reflexo de sua busca, da forma de mundo que acredita ser mais ideal. Essa responsabilidade de escolher não somente por si mesmo, mas pela humanidade inteira é a carga da sensação de angústia que a filosofia existencialista gera em quem a interioriza.

Uma vez que para que sua liberdade de escolha seja consolidada de forma leal ao mundo, sempre haverá um questionamento antes de suas ações: Se a minha escolha fosse feita por todos, estaríamos seguindo positivamente para a emancipação e respeito quanto a todos? Essa pergunta é o que faz o homem não escapar do sentimento de completa responsabilidade de seus atos mediante a humanidade, sentimento esse que gera ansiedade no homem que pensa por um todo antes de agir.

Porém, para que esse sentimento não seja tão recorrente, nem tão aguçado, o homem muitas vezes máscara sua responsabilidade na questão da má-fé. A má fé seria como uma válvula de escape que o homem muitas vezes busca para não se sentir responsável por seus atos numa questão geral. Ela se manifesta com tipos de pensamento em que coloca como desculpa que ninguém precisa fazer igual a você, que existem outras

formas de conceber a liberdade de escolha e que não é necessário se preocupar angustiadamente com a sua própria. Isso, significa fugir da responsabilidade de si próprio perante o mundo.

Com esses apontamentos, a filosofia sartreana irá ainda mais fundo: concluindo que a inação não se faz nada menos que a ação, que a escolha por algo, mesmo que seja não escolher. Pois Sartre em sua filosofia sempre relembra que até o fato de um indivíduo não escolher ele sempre está optando por algo, mesmo que “inconscientemente”.

O autor aponta quanto a angústia a partir do efeito da inação:

Não se trata de uma angústia que conduz ao quietismo, à inação. Trata-se de uma angústia simples, que todos aqueles que um dia tiveram responsabilidades conhecem bem. (SARTRE, 1970, p.15).

Pelo fato do homem ser condenado a ser livre, Sartre refere-se construção do desamparo, termo esse construído por Heidegger, o qual aponta que o homem por consequência de sua liberdade de escolha é condenado a conviver com a total responsabilidade de seus atos e de sua vida. Essa responsabilidade faz com que ele se sinta desamparado, uma vez ignorada a presença do Deus criador, o Deus que ampara o homem, o homem passa a se sentir sozinho no mundo que se encontra. Sartre aponta:

[...] o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dela nada a que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. (SARTRE, 1970, p.18)

Também, devido a esse fato da não existência de Deus para o existencialista, o mundo se torna sem lei, não existe uma moral pré-determinada nem valores a serem respeitados, o próprio homem que tem o dever de construir essa moral através da percepção de si e do outro. (SARTRE, 1970, p. 16-17)

O bem, a verdade, a honestidade e o respeito não são valores já determinados por Deus, e sim pelo próprio homem que em sua liberdade age como tal. Por esse motivo de liberdade de escolha é que o existencialismo não acredita na paixão, uma vez que o homem movido pela tal ainda sim tem consciência de seus atos, uma vez que ao pensar sobre determinada coisa ela já está engajando seus atos e pensamentos devido a uma ação. (SARTRE, 1970, p.18) O existencialismo coloca o homem como responsável por seus atos apaixonados, não os tornando desculpas, mas sim fruto de sua liberdade de escolha.

O quietismo, por sua vez, é uma ideologia que se opõe ao existencialismo, pois seu significado se constrói em cima da passividade de aceitação das circunstâncias. Essa atitude de quietismo gerada no homem se dá devido a escolha de determinada ação quanto a questão do engajamento em certos movimentos, pois, ao fazer sua parte em questão deles, o homem sabe que num futuro a mudança acontecerá, e ela pode ser tanto negativa quanto positiva. (SARTRE, 1970, p. 27)

Pensar em engajar-se e doar-se a algo que posteriormente será construído por outras pessoas e não caberá mais a sua escolha agir de determinada forma é que causa a passividade quanto às ideologias ou também é colocar-se em situação de não escolha, de passividade em questão de seus atos, anulando-os por achar que eles não irão alcançar resultados.

Como Sartre aponta em seu texto: “O quietismo é a atitude daqueles que dizem: os outros podem fazer o que eu não posso.” (SARTRE, 1970, p. 27). E em seguida ainda aponta a contrariedade do quietismo quanto a visão existencialista que falamos no início do parágrafo:

A doutrina que lhes estou apresentando é justamente o contrário do quietismo, visto que ela afirma: a realidade não existe a não ser na ação; aliás, vai mais longe ainda, acrescentando: o homem nada mais é do que o seu projeto; só existe na medida em que se realiza; não é nada além do conjunto de seus atos, nada mais que sua vida. (SARTRE, 1970, p.27).

O autor irá rebater a visão pessimista da ideologia existencialista. Ele aponta situações fadadas no quietismo, que seriam uma visão pessimista devido à ação, uma vez que não acredita em resultados plausíveis desta.

Porém, para Sartre, o existencialismo é totalmente otimista uma vez que o homem, com a liberdade de suas ações, possui seu destino em suas próprias mãos, ele pode construir aquilo que busca e que quer, o existencialismo coloca o homem no patamar mais alto de consolidação de si próprio.

Em suas palavras:

Nessas condições, não é por nosso pessimismo que nos acusam, mas, no fundo, pela dureza de nosso otimismo. Se certas pessoas nos censuram por desenvolvermos seres pusilânimes, fracos, covardes, e, por vezes, francamente maus, em nossas obras de , ação, não é unicamente porque eles são pusilânimes, fracos, covardes ou maus, pois, se fizéssemos como Zola e

declarássemos que eles assim são devidos à hereditariedade, por influência do meio, da sociedade, por um determinismo orgânico ou psicológico, todos se tranquilizariam e diriam: aí está, somos assim e ninguém pode fazer nada; o existencialista, porém, quando descreve um covarde, arma que esse covarde é responsável por sua covardia. (SARTRE, 1970, p.29)

A partir de suas escolhas então, ele alcança não só seu engajamento pessoal, mas também seu engajamento coletivo, uma vez que escolhendo por si escolhe por toda humanidade. Ele também faz apontamentos quanto a condição de universalidade humana, que se consolida no homem devido a suas necessidades objetivas: “Construo o universal, escolhendo-me; construo-o entendendo o projeto de qualquer outro homem, de qualquer época que seja.” (SARTRE, 1970, p.35)

Ao fazer essas afirmações, o autor irá referir sua linha de pensamento a uma frase de Descartes: “penso, logo existo”, irá fazer referência a essas palavras, pois para a compreensão do homem no mundo, e da sua filosofia, o homem precisa necessariamente desenvolver e ter sua consciência de existência. Essa consciência permitirá ao homem que ele se entenda no mundo e conseqüentemente entenda que há o outro. (SARTRE, 1970, p.32)

Assim disserta o autor:

Portanto, para que haja uma verdade qualquer, é necessário que haja uma verdade absoluta; e esta simples e fácil de entender; está ao alcance de todo o mundo; consiste no fato de eu me apreender a mim mesmo, sem intermediário. (SARTRE, 1970, p.32)

Essa consciência de existência faz com que o homem tenha total construção de si e por consequência da humanidade inteira. Isso o transforma em um ser de liberdade de escolha. E a partir dessa liberdade ele estará condenado a escolher. Condenado não de uma forma negativa, como já vimos anteriormente, mas sim por otimismo visando sua liberdade. Sendo condenado a escolher em qualquer circunstância, tese primordial de sua filosofia, ele terá a consciência de que até a não escolha já se faz proveniente do ato de escolher. (SARTRE, 1970, p. 37-38)

Sartre, sobre este ponto, explica:

[...] eu não descobro apenas a mim mesmo, mas também os outros. (...) e o outro é tão verdadeiro para nós quanto nós mesmos. Assim, o homem que se alcança diretamente pelo cogito descobre também todos

os outros, e descobre-os como sendo a própria condição de sua existência. (SARTRE, 1970, p.33)

Portanto, para a filosofia existencialista o homem que escolhe não ser movido pela má-fé caminhará sempre rumo a sua plena liberdade. Suas escolhas e suas construções de valores se manifestam diante de sua consolidação gradual diante da sociedade, ou seja, sua essência se concretiza a partir das escolhas feitas durante sua trajetória de vida.

Por fim, depois de muitas considerações ao longo de seu texto, e muitos termos explicados e exemplificados durante sua teoria, o filósofo entra no conceito básico e primordial do objetivo de sua composição: o existencialismo é um humanismo.

Primeiramente ele irá apontar que na palavra humanismo são agregados dois significados. O primeiro, aquele que não condiz a sua filosofia, interpreta-se como coloca o humanismo com o olhar do homem como meta, para ele não é aceito que um homem possa julgar outro homem. Assim nota:

E não devemos acreditar que existe uma humanidade à qual possamos nos devotar, tal como fez Auguste Comte. O culto da humanidade conduz a um humanismo fechado sobre si mesmo, como o de Comte, e, temos de admiti-lo, ao fascismo. Este é um humanismo que recusamos. (SARTRE, 1970, p.46)

Já a segunda interpretação do significado da palavra é que condiz com a filosofia existencialista:

Não existe outro universo além do universo humano, o universo da subjetividade humana. É a esse vínculo entre a transcendência, como elemento constitutivo do homem (não no sentido em que Deus é transcendente, mas no sentido de superação) e, a subjetividade (na medida em que o homem não está fechado em si mesmo, mas sempre presente num universo humano) que chamamos humanismo existencialista. Humanismo, porque recordamos ao homem que não existe outro legislador a não ser ele próprio e que é no desamparo que ele decidirá sobre si mesmo; e porque mostramos que não é voltando-se para si mesmo mas procurando sempre uma meta fora de si – determinada libertação, determinada realização particular – que o homem se realizará precisamente como ser humano. (SARTRE, 1970, p.47).

Logo, exemplificando essas considerações podemos dizer que um homem que busca ser músico, quando estuda as notas de seu instrumento é que se dá sua transcendência, tornando-se um músico. Ou seja, o universo humano é o universo que

transcende como a triunfo da subjetividade, reconhecendo a existência dos outros homens.

Pode-se compreender então que o existencialismo de Sartre necessita de raízes ateias, porém busca retirar as consequências dessa postura. Para sua filosofia, não interessa comprovar a não existência de Deus, mas, sim, que não exista nada predeterminado, ou seja, que a existência precede a essência do ser humano.

Para o filósofo, o homem precisa agir com o entendimento de que suas escolhas e seus atos são imprescindíveis para a sua construção na humanidade e não ficar na inércia do aguardo de acontecimentos perante a ordem divina.

2.1 Apontamentos sobre a literatura existencialista

Literatura é uma palavra que se origina do latim, *littera*, que significa letra (PIRES, 2005). Ela se define quanto a arte de criar e compor textos. Se fecunda na decorrência de diversos fatores históricos, filosóficos, introspectivos e efusivos daquele que a escreve. Existem diversos tipos de composições literárias, como poesia, prosa, literatura popular, literatura de cordel, literatura portuguesa, literatura de ficção, literatura de romance, literatura médica e outras porções diversas que fazem parte dessa mesma.

Nosso objetivo, neste segundo subcapítulo, com embasamento nas considerações anteriores sobre o filósofo Jean-Paul Sartre é tratar de forma sucinta como se configura a literatura existencial com finalidade de compreender seus apontamentos para fundamentação diante dos próximos capítulos desta monografia, que se encharcará dessa forma de pensar para consecutivas conclusões.

É da característica de Sartre utilizar da literatura, como na composição de seus romances, como um elo entre a composição literária em comunicação com suas ideias filosóficas e políticas.

Percebemos isso em muitas de suas obras como *A náusea* e mesmo em *As palavras* (1984), que se trata de um texto autobiográfico, este o qual utilizaremos para discorrer um pouco sobre a composição da literatura existencialista. Basearemos também nossa concepção diante da literatura existencialista juntamente com as considerações presentes no livro *Que é literatura?* (1989). Consolidaremos as considerações desse segundo subtítulo com base na leitura da *Revista de Crítica Genética*. (SANTOS, 2005, p. 73-94)

Como já dito anteriormente, Sartre utiliza da literatura como fonte de expansão de suas ideias filosóficas e políticas. Ele busca, por meio de sua filosofia, juntamente com a literatura, desvendar não só a si próprio, mas como também o Outro.

Sartre, ao buscar compreender o que é literatura, se debruçará numa reflexão diante da cultura, do indivíduo e da história, mediante a literatura crítica e adentrando também em suas considerações quanto à psicanálise existencialista. Buscaremos entender seus engajamentos e debates estéticos-filosóficos pelos caminhos do mundo das letras.

Em um primeiro momento, o autor busca separar a arte da linguagem, ou seja, a arte trataria de ser vista como a prosa, e a linguagem como a poesia. A arte, ou a poesia, viria consolidada como aquilo que é matéria, o objeto, algo palpável e sólido, na poesia, o poeta transpassa sua visão além dos significados, fora da linguagem propriamente dita. Já a linguagem, ou a prosa, trata-se do processo de elevação dos significados, ou seja, do engajamento.

Kleber Pereira dos Santos, em exame aprofundado sobre o assunto, manifesta que:

A visão do fazer literário de Sartre exposta em *Que é literatura?* Centra-se primeiramente numa distinção entre arte e linguagem, entre poesia e prosa. Segundo sua visão, a arte lida com matérias, com a coisa em si, enquanto a linguagem e a prosa são o império dos significados. (SANTOS, 2005, p.77)

Como apontado por SARTRE: “o ato é o próprio fim”. Já na prosa isso acontece de forma contrária, as palavras são utilizadas para designar os objetos, ou seja, é necessário que haja engajamento para a composição da prosa. Nesta, ao contrário da poesia, as palavras não estão compostas de forma independente, mas, sim, mediante uma construção que busca o engajamento. (SANTOS, 2005, p.77)

Ao entendermos sua filosofia, toda ação necessita concomitantemente ter sentido, ou seja, o momento em que o homem fala, também parte do pressuposto de exercer uma ação, com isso, para Sartre, toda ação necessita ter sentido. Para ele, falar é agir. Partindo desse ponto, entendemos que o homem, ao escrever passa a existir no mundo, e essa ação faz com que ele obtenha seu engajamento.

Para compreendermos isso ainda melhor, o próprio autor consolidará: “cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do provir”. (SARTRE, 1989, p.20)

Assim, a escrita engajada adentra em si o teor de historicidade dos fatos, consolidado em si próprio por meio da ética das palavras, fazendo com que aquele que escreve tenha responsabilidade e engajamento não só de si próprio, mas também do mundo.

Sartre defende que “ninguém é escritor por haver decidido dizer certas coisas, mas por haver decidido dizê-las de determinado modo”. (SARTRE, 1989, p.21) Citar essas palavras que o autor diz é um ponto muito interessante para compreender o engajamento de quem escreve diante daquilo que ele quer passar. Pois tudo, ao ser escrito, necessita do ponto de vista do autor, e ele escreve tornando seus ideais constituintes do mundo e da forma que ele o enxerga e busca viver.

Conforme examinado por Kleber Pereira dos Santos, ainda na obra *Que é literatura?*, Sartre traz maiores reflexões e o aprofundamento em discutir o porquê do ato de escrever, o que leva um escritor a escrever sobre determinado assunto. No capítulo denominado “Por que se escreve?”, o filósofo irá apontar os motivos centrais que levam alguém a querer passar um pouco de si por meio da escrita. As motivações para que isso aconteça baseiam-se totalmente quanto a filosofia existencialista. (SANTOS, 2005, p.78-79)

Como já apontado e discutido no capítulo anterior desta monografia, a existência precede a essência, e essa é uma das questões básicas do porquê do ato de escrever. Se a criação artística, no caso o texto escrito, é a tentativa de o sujeito de ser essencial, o sujeito desprovido de essência busca a essencialidade no ato da produção da escrita.

A literatura, então, é a arte que só existe mediante a criação. A obra literária constrói sua base por meio da aceitação ativa, da construção mental do Outro. Seu objeto é dado por meio da linguagem e não na linguagem crua. Esta se torna instrumento de propagação de determinado objetivo, mas ela sozinha não consegue se consolidar quanto ao objetivo. Ou seja, por meio da linguagem o engajamento torna-se expressivo.

Kleber Pereira dos Santos, sobre este aspecto, diz:

Tais aspectos da criação artística, em geral, somam-se à particularidade da criação através da linguagem escrita, pois a literatura é a arte do devir, só existe em ação (escrever ou ler). (...) Exige o engajamento do sujeito da leitura, pois esta é uma forma de criação a partir de pautas dadas pelo objeto. (SANTOS, 2005, p.79)

O autor irá apontar que essa construção é uma composição em que as liberdades do autor e do escritor se completam. Ou seja, a partir da projeção do escritor de si próprio

na obra e com isso procura e ao mesmo tempo encontra a si mesmo em seu processo criativo. E, assim, o produto de sua obra será somente concebido através de seu leitor, que entrará nessa troca com suas interpretações e perspectivas de determinado assunto. Esse movimento gera uma espécie de confiança entre o autor e o leitor, já que ambos são necessários para que essa troca aconteça.

Aduz o mesmo que “Sartre compreende a obra literária como uma composição em conjunto em que as liberdades do autor e do leitor se completam”. (SANTOS, 2005, p.79)

Sartre, em sua obra, sintetiza o que é escrever para ele: “(...)desvendar o mundo e propô-lo como uma tarefa à generosidade do leitor. Recorrer é a consciência de outrem para se fazer reconhecer como essencial a totalidade do ser”. (SARTRE, 1989, p.49) O autor também aponta que essa relação entre os opostos influencia reciprocamente na construção do sentido literário da obra.

Vistas essas considerações pode-se dizer que a liberdade se totaliza na construção do projeto literário. Essa afirmação traz ainda mais alicerce a sua filosofia existencialista, uma vez que a liberdade traz ênfase na construção de um projeto válido e sólido.

Em seu texto, Kleber Pereira dos Santos afirma que Sartre ainda irá acoplar a questão do imperativo moral e do imperativo estético, dizendo que há ligação muito forte entre essas duas vertentes, uma vez que é de completa falta de compatibilidade que uma grande arte permita que as injustiças do meio social sejam defendidas. Podemos perceber esse adendo ao analisar grandes obras, pois todas sempre vêm acompanhadas de críticas sociais e formas morais de olhar a sociedade, sempre trazendo em sua historicidade críticas ou apontamentos quanto a determinado assunto ou momento que retrate e transforme a sociedade. (SANTOS, 2005, p.81)

A percepção de cunho ético do fazer literário se dá quanto ao engajamento por meio da liberdade. Essa liberdade que é defendida por Sartre e baseia-se num posicionamento crítico que faz uso da análise das relações sociais por meio de uma visão histórica diante da sociedade dividida em classes.

Esse conceito em que o filósofo se apoia na relação que o autor tem com o marxismo, um conceito em que Sartre sempre deixou claro acreditar e buscar seguir. Até mesmo por essa questão é que o autor levanta a visão crítica da tradição literária burguesa, que é calcada conforme conceitos estéticos e idealistas.

Vale agora, por meio das informações trazidas acima, visualizar sua obra *As palavras* dentro dessas questões.

Sob este prisma, Kleber Pereira dos Santos explica:

[...] Em *As palavras*, dezessete anos depois, verifica-se uma visão mais analítica de si mesma e da literatura, chegando a surgir observações críticas a esta posição de “escritor cavalheiro” ou, ao menos, de sua eficácia real dentro do sistema literário burguês viciado. (SANTOS, 2005, p. 81)

O filósofo irá explicar a crítica da tradição burguesa dentro da literatura. O filósofo mostrará o porquê dessa crítica e apontará uma certa descrença quanto ao meio literário, uma vez que ele só se propaga dentro de uma parcela da sociedade, propagando-se diante da concepção dos intelectuais franceses. Essa questão não se coloca apenas para os intelectuais da França, mas, ao analisarmos a literatura em geral, principalmente em momentos mais primordiais da sociedade, percebemos que o acesso a esse tipo de arte e linguagem se restringe apenas para uma pequena parcela da sociedade, aquela com mais recursos, aquela que se denomina mais burguesa.

Sartre, buscará fazer uma espécie de reconstrução da evolução da mente. O texto se aproxima da criação da liberdade por meio de uma obra ficcional, busca a defesa da palavra como instrumento de propagação dela. Trata-se de uma criação autobiográfica, mesmo que em algumas partes sejam um tanto ficcionais. Essa obra retratará uma certa sequência de acontecimentos da vida do autor.

No artigo de Santos na *Revista de Crítica Genética*, será apontado que esta obra “[...] revela um Sartre um tanto mais maduro e engajado com as palavras”. (SANTOS, 2005, p.82-83) Iremos utilizar dessa produção literária de Sartre para compreender o caráter crítico que o autor expressa ao longo da narrativa quanto aos fazeres da literatura e das palavras, tanto quanto entender a concepção das formas de pensar e de como a composição das letras são fundamentais para atingir engajamento.

No referido texto o autor divide o assunto em duas partes: ler e escrever. Primeiramente, é importante ressaltar que o escritor quis retomar um aspecto já falado em *Que é literatura?* (1989): o que faz alguém querer ser escritor. Reconhecer, tomar a palavra e dar nome as coisas faz com que o escritor tenha vontade de ser essencial, e assim participar do universo. Ele também aponta que projetar-se nos livros para reconhecimento burguês não faz com que exista essência, mas, sim, máscaras ao autor que se dispõe a esse estímulo. (SANTOS, 2005, p.83-84))

Segundo Kleber Pereira dos Santos compila, Sartre nos adentra a seus primeiros passos diante da escrita, o autor diz que esta, em suas primeiras manifestações em sua vida, se manifesta com o efeito de desvendamento de si mesmo. O autor irá relatar sobre

a seriedade de seu avô quanto a concepção da literatura, uma vez que a arte pode fazer com quem aprecia renunciar a si mesmo, mas essa visão está atrelada ao tipo de literatura que se compõe de heróis e personagens voltadas a romances incompletos e plagiados, por meio do escritor cavalheiro. (SANTOS, 2005, p.85)

Denotando este fato, podemos perceber que Sartre também é contrário a esse tipo de literatura, principalmente por percebemos tudo o que está sendo estudado quanto a relação do autor entre literatura e engajamento.

O texto *As palavras* (1984) transpassa a ideia da construção existencialista por meio das palavras, caracterizando-se por meio da expressão “passageiro sem bilhete”, expressão está presente também em *A Náusea* (2016). Neste livro, o fazer literário passa a ser considerado uma necessidade e não um projeto. A literatura para Sartre é vista, então, como a projeção interna e externa do homem, como investimento do ser, o que culmina na condenação da impotência da literatura, uma vez que seu baseamento se dá por meio de seu papel intelectual na sociedade burguesa. (SANTOS, 2005, p.86-87)

A defesa que Sartre faz em consideração da obra literária como instrumento e desvendamento do ser é o que é defendido em *Que é Literatura?*, assim como essa defesa também se transpassa no romance *A náusea*, obra escrita um pouco antes. O romance citado é considerado um dos mais condizentes a sua filosofia, que funciona por meio das proposições existencialista dentro de um contexto burguês inexperiente. A obra está envolta da forma de construção do existencialismo por meio da individualidade em situação, do desvendamento do homem e dos envolvidos na produção da literatura. É importante que o leitor visualize cada situação e forma que sua filosofia se manifesta nesta obra. (SANTOS, 2005, p.88)

Visando à questão da desilusão diante da arte, em sua obra *A idade da razão*, o autor faz referência a esse tipo de sentimento, e nos convida a adentrar ao seu pensamento quanto a esse assunto:

[...] via tudo o que era real, tudo o que essa luz clássica podia clarear, os muros, as telas nas suas molduras, as cores pastosas sobre as telas. Não os quadros. Os quadros tinham-se apagado e parecia monstruoso que no fundo desse banho de bom senso tivesse havido gente capaz de pintar, de deitar sobre a tela objetos inexistentes. (SARTRE, 1959, p.73-74)

Como se pode perceber, a desilusão com a literatura, com a arte e com a cultura como meios eficazes por intermédio da intervenção diante de um sistema desigual é coerente, uma vez que essas ferramentas se tonam apenas objetos artísticos.

Desse modo, ao refletir sobre a presença da literatura e suas abordagens, nas obras do autor analisadas no segundo subtítulo desta monografia, chega-se à conclusão de que ela serve como uma “armadilha existencial”, construída pela crise da linguagem, uma vez que ela se relaciona e se interessa pela posição de determinada obra diante das relações de configuração da época, relacionada ao universo burguês do capitalismo. Para o autor, ela cabe a um projeto válido ou inválido tanto quanto qualquer outro diante da injustificada existência.

3. UM OLHAR SOBRE CLARICE LISPECTOR

Para formulação de posteriores resultados de análise desta monografia é necessário que se entenda a construção dos aspectos biográficos da autora em estudo. Compreender marcos tanto na vida pessoal quanto na construção da vida profissional da autora são de extrema importância para formulações concretas e coerentes, visto que, como estudaremos neste capítulo, a vida da autora se faz muito condizente para estudar suas obras e entrelinhas.

Buscaremos compreender seus aspectos biográficos, juntamente com concepções críticas visando um panorama geral e por final, adentraremos na obra específica em análise.

3.1. Aspectos bibliográficos

Consolidar Clarice Lispector em uma descrição sólida, é um trabalho que seria completamente impossível, visto que sua personalidade caminha em muitos sinônimos contingentes. Até mesmo quando chegara sua morte, Lispector escreveu ao poeta Carlos Drummond de Andrade: “veio de um mistério, partiu para outro.” (MOSER, 2009, p.13)

Sua característica mais marcante, em toda sua obra e vida é a de estrangeira. Se analisarmos a etimologia da palavra “estranho”, que deriva de estrangeiro, vem do latim 'extraneu-', que significa aquele que vem de fora, que não pertence à família ou a um grupo social, um estrangeiro. (MACHADO, 1999)

Mesmo tendo morado em vários países e passada por diversas culturas, ela não se encaixava em nenhum dos ambientes os quais enfrentou, considerava-se estrangeira diante do universo que se encontrava.

Devido a essa sensação, podemos perceber em suas obras esse estranhamento muito aflorado tanto do interno para o externo quanto do exterior para o interior. Até mesmo por isso que quem se dispõe a ler suas obras degusta arduamente do exercício contínuo de deparar-se com o abismo estrangeiro de perceber o mundo. Esse estranhamento decorre através do efeito epifânico de lidar com suas características interiores, conforme as minúcias de perceber o quão estranho e profundo é descobrir a realidade ao seu redor até o ponto de deixar de reconhecer as coisas para reconhecê-las novamente.

Como aponta Olga Borelli sobre Lispector, a autora nunca teve influências alheias para compor suas obras literárias. Toda sua escrita, desde pequena, sempre se baseou nela mesma.

Na verdade, nenhum autor a influenciou. Sua linguagem era fruto de uma experiência direta dela consigo própria e com o mundo, sem a intermediação disso que se chama — enquanto sistema organizado de textos de uma determinada cultura — de “Literatura”. Escrever era experimentar – assim como” um cientista experimenta, testa, comprova ou refuta suas hipóteses quando as submete ao rigor de seu método e sua teoria” (BORELLI, 1981, p.67).

Como já dito, a autora se considerava estrangeira, não por ter nascido em Tchechelnick, na Ucrânia, e nem por ter sido criada desde menininha no Brasil. Ela se considerava estrangeira no planeta, neste universo no qual habitamos.

Como aponta Benjamin Moser, Clarice muitas vezes era interpretada como uma personalidade da escritora: “Clarice Lispector” já chegou a ser considerado um pseudônimo, e seu nome original só foi conhecido depois da sua morte” visto que seu nome por natureza era “Chaya Pinkhasovna Lispector”. Até sua data de nascimento era algo que causa dúvidas e confusões, pois há registros de diferentes datas de sua entrada neste universo. Nascida em 10 de dezembro, o ano varia entre 1920 a 1927. (MOSER, P.15)

Assim se compõe o universo clariceano: indefinido, indecifrável e controverso.

Contrapondo essa indefinição, Moser irá adentrar um ponto interessante:

Por outro lado, porém, poucas pessoas se expuseram tão completamente. Através das muitas facetas de sua obra – em romances, contos, cartas e textos jornalísticos, na esplêndida prosa – uma personalidade única é dissecada sem descanso e revelada de modo fascinante naquela que é talvez a maior autobiografia espiritual do século XX. (MOSER, 2009, p.17)

Ou seja, ao mesmo tempo em que as obras e a vida de Lispector nos levam para um universo indeliberado, nos faz adentrar e conhecer profundamente a composição interna de seu ser.

Até mesmo por este motivo que é importante ressaltar que, em suas obras, ocorre uma espécie de interpersonificação da própria autora quanto de suas personagens. Em muitas obras, senão em todas, percebemos traços autobiográficos bem demarcados da escritora. Essas formas de autorretrato acontecem não somente quanto às personagens, mas também quanto às construções de ambientação.

Podemos perceber elementos que sempre se encontram presentes em seu enredo, como animais (galinha, gato, macacos) e personagens que sempre irão se encontrar longe do ser adulto, aquele que é considerado aquele apto para construir-se na sociedade. Serão sempre compostos por meninas, idosos, adolescentes, e quase por inteiro por personagens femininas.

Essa interpersonificação se constrói exatamente pelo fato da descrição ampla de várias formas de retratar Clarice Lispector, conforme defende MOSER:

A alma exposta em sua obra é a alma de uma mulher só, mas dentro dela encontramos toda a gama da experiência humana. Eis por que Clarice Lispector já foi descrita como quase tudo: nativa e estrangeira, judia e cristã, bruxa e santa, homem e lésbica, criança e adulta, animal e pessoa, mulher e dona de casa. Por ter descrito tanto de sua experiência íntima, ela podia ser convincentemente tudo para todo mundo, venerada por aqueles que encontravam em seu gênio expressivo um espelho da própria alma. Como ela disse, “eu sou vós mesmos”. (MOSER, 2009, p.18)

Conforme estudos sobre a vida da autora, realizados por Lívia Paiva Ribeiro (RIBEIRO, 2014, p.19), Clarice era filha de Marieta e Pedro Lispector e tinha duas irmãs chamadas Elisa e Tânia. A família Lispector, conforme relatos, teria vindo da Ucrânia e desembarcado na cidade de Maceió, costa leste do território brasileiro e, após alguns anos, instalou-se na cidade de Recife. A família tinha origem judia e sobrevivia com o trabalho do pai, que era mascate. Durante seu tempo de infância e adolescência no Brasil, a família Lispector passou por situações de pobreza e poucos recursos.

A figura de sua mãe foi imprescindível na construção interior de Clarice Lispector, era muito ligada a ela. A doença de Marieta foi um fato expressivo na infância da escritora, isso constitui muito o mundo de Clarice Lispector e suas facetas em suas obras. A doença de sua mãe não é exatamente esclarecida, mas sabe-se que se tratava de uma enfermidade a qual a impedia de exercer movimentos, que a deixava paralisada. Esse acontecimento é retratado nas obras da autora por diversos tipos de textos, cartas, contos, crônicas e em todos. Ao analisá-los, podemos perceber o completo sentimento de culpa da autora diante da doença. Ela acreditava que seu nascimento foi o acontecimento que culminou a doença. (RIBEIRO, 2014, p.19)

Em uma das crônicas de *A descoberta do mundo*, podemos perceber explicitamente seu sentimento quanto a sua trajetória de nascimento e a visão da doença da mãe:

No entanto fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei. (LISPECTOR, 1999, p.110)

Embora sua nacionalidade fosse estrangeira, Lispector não se considerava de outra raiz que não fosse brasileira. Até porque sua chegada no Brasil se deu em seus dois meses de vida, completamente em sua primeira infância. Mas como aponta Moser (MOSER, 2009, p.21-22) a autora para os brasileiros sempre foi considerada estrangeira, não só por sua nacionalidade ucraniana, mas pelo jeito que pronunciava as palavras. A autora explica que seu modo de falar não é por ser ucraniana ou francesa como todos pensavam, mas sim por sua dicção, sua língua presa a limitava de falar corretamente as palavras, mas isso somente na linguagem oral, Clarice sabia muito bem como manusear a língua.

Sabe-se que a autora omitiu diversas faces de alguns pontos de sua história, porém pode ser percebido claramente ao ler seus textos que ela estava mais preocupada com questões metafísicas de sua concepção no mundo do que com os fatos taxativos.

Após a morte de sua mãe, conforme aponta Moser, Lispector muda-se para o Rio de Janeiro, por volta dos 15 anos de idade. Essa mudança foi importantíssima, pois um ano antes a menina tinha descoberto a possibilidade de escrever. Nesse momento na capital, Clarice frequentou um dos cursos preparatórios para a Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, na Tijuca, e logo após se formar ingressou em sua primeira graduação. Essa escolha foi um tanto atípica, não só pelo fato de ser mulher, mas essa escolha a fez estar prestes a entrar na classe elitizada da sociedade brasileira. Um dos motivos de sua escolha, como sabemos a escritora ansiava pela justiça, era ter essa graduação devido a seu olhar amplo, queria reformar as penitenciárias brasileiras. (MOSER, 2009, p.153-163)

No decorrer de sua jornada na vida acadêmica, nos termos referidos por Livia Paiva Ribeiro, a jovem perde seu pai, mais um acontecimento angustiante em sua vida. Logo após três anos de estudo, a autora conhece Maury Gurgel, com quem poucos anos depois se casa, em 1943. Durante seu tempo de estudos na universidade, passando por momentos de estágio na área, a escritora também passou por diversos lugares de trabalho, dentre eles iniciou como redatora na Agência Nacional, um trajeto bastante considerável em sua trajetória como jornalista. (RIBEIRO, 2014, p.20)

Como situa Olga Borelli, sua primeira experiência de trabalho consistiu em experimentar da carreira como repórter:

Sua primeira experiência profissional se deu como repórter. Trabalhou na Agência Nacional e no jornal A Noite, onde era a única mulher. (...) Assim como sempre recorria ao jornalismo quando necessitava de fundos financeiros: “Quase sempre teve de recorrer às traduções para complementar o orçamento mensal. E volta-e-meia se envolvia com jornalismo. Seu último trabalho como tal são as reportagens-entrevistas com personalidades de destaque [...]” (BORELLI, 1981, p.45)

Aprofundando-se, ainda em sua jornada pessoal, Livia Paiva Ribeiro comenta que em meio sua jornada de vida e trabalho também fez vários amigos muito importantes. Dentre eles Lúcio Cardoso, Manuel Bandeira, Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, estes que recebiam cartas da autora em seus momentos mais angustiantes. Não podendo esquecer também de sua irmã Tania Kaufman, que, junto com esses amigos, foi quem recebia muitas dessas escritas em vários momentos da vida de Clarice. (RIBEIRO, 2014, p.20)

Ao casar-se com Maury Gurgel, que era diplomata, a escritora teve diversas oportunidades de conhecer lugares fora do Brasil. Passando pela Itália, Portugal, Estados Unidos, França, Suíça, Inglaterra, dentre outros países fora do território nacional. (RIBEIRO, 2014, p.21)

Obviamente, por se entender o mundo clariceano, muitos desses locais tiveram grande relevância na construção da escritora Clarice Lispector. Uma cidade que teve grande influência em sua vida e em sua construção literária foi a cidade de Berna, na Suíça. Foram três anos fixa na cidade, porém esse tempo foi muito cismativo e de muita inquietação. Sua angústia era nitidamente transparecida por meio de cartas que a escritora enviava a seus amigos e sua irmã neste momento de intensa solidão. (RIBEIRO, 2014, p.21)

Seu terceiro romance, *A cidade sitiada*, foi desenvolvido durante esses três anos passados na Suíça. A obra nos adentra ao universo da personagem Lucrecia Neves, que, assim como Clarice, com grandes questionamentos e momentos angustiantes, buscava o exílio naquela cidade na qual se sentia desolada.

Ao analisar um trecho de “Luminescência”, do livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, ao relembrar os momentos em Berna, podemos entender melhor sua aflição por ter passado aqueles anos na cidade:

E tão vasta a noite na montanha. Tão despovoada. A noite espanhola tem o perfume e o eco duro do sapateado da dança, a italiana tem o mar cálido mesmo se ausente. Mas a noite de Berna tem o silêncio. Tenta-se em vão ler para não ouvi-lo, pensar depressa para disfarçá-lo, inventar um programa, frágil ponte que mal nos liga ao subitamente improvável dia de amanhã. Como ultrapassar essa paz que nos espreita. Montanhas tão altas que o desespero tem pudor. Os ouvidos se afiam, a cabeça se inclina, o corpo todo escuta: nenhum rumor. Nenhum galo possível. Como estar ao alcance dessa profunda meditação do silêncio? Desse silêncio sem lembrança de palavras. Se és morte, como te abençoar? (LISPECTOR, 1998, p.18).

De volta ao Brasil, Clarice já está separada de seu marido Maury Gurgel e nesse momento volta a sentir fortemente o sentimento de angústia e solidão. Isso acarreta também em dificuldades financeiras novamente, o que faz ela voltar a exercer sua carreira como jornalista em muitos espaços. Foi colunista no *Correio da manhã* e no *Diário da noite*, escreveu também para a revista *Manchete* e crônicas para o *Jornal Brasil*, entre outros lugares também nos quais conquistou seu caminho no meio jornalístico. (RIBEIRO, 2014, p. 21-22)

Além de ser uma ótima escritora, também era composta de habilidades, Lispector era extremamente versátil construindo uma gama de virtudes profissionais como: jornalista, repórter, funcionária pública, colunista, entrevistadora, escritora, contista, cronista, pintora. Ou seja, conseguia caminhar por diversos meios sempre com muita propriedade. (RIBEIRO, 2014, p.22)

Suas formas de trabalho nem sempre proporcionavam situações confortáveis, uma vez que, como colunista de revista para mulheres, às vezes precisava submeter-se a um tipo de escritura condizente ao pensamento social da época, provindo de uma sociedade machista. Porém, ela foi e é alvo de extrema contribuição para os estudos quando se trata de autoria feminina. (RIBEIRO, 2014, p.22)

Utilizava de pseudônimos, como Ilka Soares, Helen Palmer e Tereza Quadros, que escreviam dando conselhos de beleza, casamento e moda para mulheres, porém sempre frisando que o importante, além de todos esses pontos que apontava em seu texto, era sempre ser mulher e se sentir bem como tal.

Nesse caminhar, Edna Cristina de Góis manifesta que:

[...] se por um lado Tereza Quadros e Helen Palmer dão a ver corpos disciplinados, seja pelas dicas de beleza ou pelos croquis de moda, por outro mostram muitas tentativas de transgressão, ao incentivar determinados comportamentos. Pode ser na campanha ao aleitamento

materno ou ao trabalho fora do lar –conquista dos anos 50, expressa com recorrência na coluna de Tereza Quadros. (GÓIS, 2007, p.63)

Ou seja, mesmo com todos os aspectos e conselhos diante do modo de vestir, refinamento e elegância, isso jamais poderia afetar a real face da mulher.

Outro momento extremamente marcante na vida de Lispector foi um acidente sofrido em seu apartamento no Leme. Em um determinado momento, a autora descuidada-se e adormece com o cigarro ainda aceso, isso provoca um incêndio em sua casa. Esse fato trouxe algumas sequelas na vida física e interna de Clarice. Com esse acidente grave, tiveram de retirar elementos de suas pernas para produzir enxertos. Isso ocasionou dificuldades para se locomover. Levando em consideração também a cicatriz que ficou em suas mãos, ela, por ser extremamente vaidosa, sentia-se completamente incomodada com as manchas de queimadura. Este acontecimento fez com que se adentrasse um caso avultado de depressão na autora. (RIBEIRO, 2014, p.24)

Os últimos anos antecedentes a sua morte foram bastante agitados. Clarice começa a ter reconhecimento da mídia por conta de seus textos, e com isso é convidada para diversos tipos de entrevistas, palestras, publicações de seus contos, solicitações de frases de sua autoria em peças teatrais. Começam a aparecer críticas de diferentes modos quanto ao seu trabalho, além de convocações para prêmios em sua carreira. (RIBEIRO, 2014, p.24)

Em 1977, Lispector escreve seu último romance nomeado *A hora da estrela*. Nesse mesmo ano, Clarice dá sua única e última entrevista. Como sabemos, a autora não gostava de câmeras nem de se expor. A entrevista foi feita por Julio Lerner, da TV cultura. Depois de gravada, a autora pediu para que ela só fosse divulgada depois de sua morte. Dez meses depois, a entrevista estava no ar. (RIBEIRO, 2014, p.24)

Seus últimos momentos de vida, passou-os ao lado de sua amiga Olga Borelli. Segundo ela, Lispector apresentava um quadro de ansiedade e impaciência extremamente sérios. Em novembro deste mesmo ano de 1977, a autora é internada e descobre um câncer no útero, que logo se espalha pelo corpo inteiro. Seu falecimento acontece em 9 de dezembro deste mesmo ano, um sábado, por esse motivo não poderia ser sepultada no dia seguinte, seu aniversário, por conta da tradição judaica. (RIBEIRO, 2014, p.26)

Diante de sua história, podemos entender e perceber sua vida psicologicamente intensa e cheia de universos, que, certamente, trouxeram por consequência sua extrema poeticidade e fervor em questões que refletiam sua interioridade. Suas formas de viver e escrever se entrelaçam, transformando tudo o que Lispector consolida em palavra num

dos mais altos graus de desvendamento, gratuidade, complexidade, questionamentos, subjetividades e epifanias existentes em nossa literatura brasileira.

3.2 A obra e recepção crítica Clariceana

Para a construção da evolução do pensamento humano, é necessário que haja a formação da desconexão do homem em relação a realidade. Ao consolidar essa concepção, podemos dizer que Clarice Lispector é devidamente ligada a esse tipo de visão em meio a sua literatura.

Neste subcapítulo, abordaremos de forma sucinta um panorama de sua obra em geral, passaremos nosso olhar por sua obra e pela composição intrínseca que ela desenvolve. Focaremos em construir uma linha do tempo quanto às principais obras publicadas durante sua carreira. Citaremos alguns contos de forma breve e entraremos em alguns conceitos quanto à elaboração textual característica da autora.

A obra literária de Clarice Lispector vem de um acervo construído por meio de sua visão de mundo. Como já introduzido em capítulos anteriores, há um marco muito forte da filosófica existencialista em suas composições. Textos marcados com o estrangeirismo, ponto fundamental em suas obras e em sua vida, consolidados na visão do mundo de forma singular e um tanto peculiar. Em suas composições literárias, podemos compreender diversos questionamentos em questão da vida e do mundo que se fazem presentes diante de uma visão filosófica dentro de questões que caminham entre as simples e as mais complexas do ser humano.

Como aponta Ettore Finazzi-Agrò:

A prosa de Clarice se adianta sempre e sempre nos conduz por esse caminho torto que não tem por sanção a verdade, enroscando-se em volta do enigma, perguntando-se e perguntando-nos sobre aquilo que não tem resposta, mas que, mesmo assim, tem de ser perpetuamente questionado. Mundo informe, povoado por seres híbridos (nem homens nem animais, ou tanto homens quanto animais), dimensão caótica dominada por uma razão bastarda e, por vezes, feroz, mas que – como em vários lugares do seu livro, nos lembra Vilma Arêas – além de uma face teórica, ligada a um imaginário subjetivo e fortemente pessoal, tem ainda uma pretensão ou um nítido apego social. (AGRÒ, 2006, p.223)

Na contramão das tendências literárias de 1940, a autora, com suas peculiaridades nas linhas e entrelinhas de seu texto, consolidou um trabalho que contrapunha a linearidade das narrativas. Parágrafos com uma grande quantidade de pontos finais e

grande formulação de fluxo de consciência amarravam sua obra com uma nova perspectiva da literatura.

Em 1942, quando ainda trabalhava como jornalista, Lispector inicia a composição de seu primeiro livro: *Perto do Coração Selvagem*, publicado no jornal *A Noite*, no qual ela trabalhava na época. Esse livro conta a história de Joana, por intermédio do fluxo da consciência. Podemos entender esse romance como um aspecto autobiográfico de sua vida, ao olhar para sua infância e adolescência. A personagem Joana se aproxima linearmente de Clarice Lispector, uma vez que, assim como a autora, era órfã, visto que sua mãe viera a falecer em seus primeiros momentos de vida e seu pai também partira anos depois. (MOSER, 2009, p.240)

Clarice busca em muitas de suas obras assemelhar suas personagens consigo, por meio de acontecimentos e singularidades presentes em sua vida.

Vale lembrar que esse livro foi recepcionado pelo Prêmio Graça Aranha, em outubro de 1944, vencendo 457 votos. Outros críticos também apontarão em relação a esse livro:

Mas era apropriado a um livro que *A Manhã* declarava ser a “maior estreia feminina de todos os tempos na literatura brasileira”. Outro crítico foi ainda mais longe: “Perto do coração selvagem é o maior romance que uma mulher jamais escreveu em língua portuguesa. (MOSER, 2009, p.223)

Em 1946, outro livro da autora tem seu desabrochar, *O Lustre*, publicado pela editora católica *Agir*. Seu enredo constrói a história de Virgínia, uma mulher que passa sua infância numa fazenda nomeada Granja Quieta e, logo depois, em seus momentos de vida adulta, muda-se para a cidade. O livro gira em torno de suas concepções internas, essa mulher, Virgínia, tenta se encontrar no mundo em que habita. Essa se envolve em muitas construções e concepções internas durante a narrativa. Lispector, nesta composição, busca não detalhar fatores externos, concentrando-se apenas no mundo interno da personagem. Esses fatores consolidam alguns dos motivos de o livro não ter sido tão bem recebido, afinal, a crítica tinha por base *Perto do Coração Selvagem*, que foi um grande sucesso. (MOSER, 2009, p.161-184)

Ana Caroline Barreto Neves, em análise sobre os bastidores que levaram à escrita dessa obra por Clarice, explana:

Nas cartas trocadas com Lúcio Cardoso, a literatura, o processo de criação literária e o mercado editorial também estão sempre em pauta.

Em carta de outubro de 1944, enviada de Nápoles – Itália, Clarice Lispector comenta sobre o romance *O lustre*, que seria lançado em 46: Meu livro se chamará O LUSTRE. Está terminado, só que falta nele o que não posso dizer. Tenho também a impressão de que ele já estava terminado quando saí do Brasil; e que eu não o considerava completo como uma mãe que olha para a filha enorme e diz: vê-se que ainda não pode casar. Mas é preciso que ela case e que eu fique sozinha olhando flores e passarinhos, sem uma palavra. Encarregue-se por obséquio de lhe arranjar marido na Edit. José Olympio. Se eles fizerem qualquer tipo de oposição, ou se só me prometerem a impressão daqui a muito tempo, então Tânia, minha irmã, se encarregará de arranjar algo mais modesto e possivelmente pago – mas rápido, rápido, porque me incomoda um trabalho parado; é como se me impedisse de ir adiante (NEVES, 2011, p.6).

Quando estava em Berna, na Suíça, Lispector inicia seu terceiro livro: *A cidade sitiada*. Esse momento, vivendo em terras suíças, não foi um dos melhores na vida da autora. A vida em Berna era parada e melancólica, passava grande parte do dia sozinha enquanto seu marido, Maury, trabalhava. O romance *A cidade sitiada* trata da vida de Lucrécia Neves. Menina que cresce na cidade de São Geraldo, essa, assim como Berna, também solidifica um cenário monótono e pacato. O enredo se concentra em Lucrécia querendo o exílio de São Geraldo e a movimentação em que a menina cresce juntamente com a cidade. (MOSER, 2009, p.174)

A recepção crítica de *A cidade sitiada* foi ainda pior que *O Lustre*. O fato de a editora *Agir* ter recusado a publicação mostra a construção negativa que a crítica construiu do livro. Só conseguiu a publicação desse livro em 1948, pela editora *A Noite*. Este livro, diferentemente do outro, que não foi bem aceito pela crítica, porém os críticos silenciaram, recebeu críticas negativas visto seu enredo desanimador àqueles que o leram. (MOSER, 2009, p.184)

Em novembro de 1961, a autora publica seu mais longo romance, intitulado *A maçã no escuro*, com uma carga alta de alegoria constituinte em seu enredo. Trata-se da história de Martim, que busca fugir da cena do crime em que supostamente teria matado sua esposa. Ao longo da história, o leitor percebe que o crime adquire uma significação mais elevada, uma vez que introduz a personagem numa realidade maior, de redenção e iluminação pelo pecado. O que faz o tecer da história de fato é a construção de pensamentos existencialistas por meio da construção e da descoberta interna da personagem. Vale ressaltar, também, que esse livro foi um dos poucos escritos pela autora em que a personagem principal se trata de uma figura masculina. (MOSER, 2009, p.216)

É interessante ressaltar a ponderação que Moser coloca sobre o livro: “Se *A maçã no escuro* é uma alegoria da criação, o livro difere de modo importante das narrativas tradicionais. É a história da criação de um homem, mas é também a história de como esse homem cria Deus.” (MOSER, 2009, p. 223)

Mais uma vez, a autora passava por dificuldades na publicação de seus livros, em alguns momentos até pensou em pagar para publicar *A maçã no escuro*. Enquanto terminava o último livro aqui citado, Clarice engajava-se na composição de sua antologia de contos intitulada *Laços de família*. Esse livro, apesar de problemas em aceitação quanto a sua publicação, devido à carga negativa de seus livros anteriores, foi publicado pela editora Francisco Alves. (MOSER, 2009, p.227)

Diferentemente da recepção de suas outras composições, o livro foi um sucesso, talvez por conta de tratar de uma obra mais simples de se ler e devido ao fato de ser uma coletânea de contos, que traziam ao leitor uma perspectiva mais leve. Pode-se levar em consideração também sua trajetória quanto à composição de contos como autora, uma vez que, desde seus primeiros passos em sua carreira como jornalista, seus contos sempre foram muito bem recebidos pelos leitores. (MOSER, 2009, p.227)

Neste ponto, são pertinentes as colocações de Fernando Sabino, quando diz que a autora fez oito contos como ninguém nem longinquamente conseguiu fazer no Brasil, sendo a obra uma exata, sincera, indiscutível e até humildemente o melhor livro de contos já publicado no Brasil. (LISPECTOR, 2001, p.125)

Igualmente relevante é o manifesto de Érico Veríssimo sobre o fato de que não escrevera sobre os contos dela “por puro embaraço de lhe dizer o que eu penso dele. Aqui vai: a mais importante coletânea de contos publicada neste país desde Machado de Assis”. (VERISSIMO, 1961)

Devido ao grande sucesso, conforme narra Moser, o livro recebeu um evento que comportou mais de 150 pessoas, além de ter ganhado uma segunda edição pelo fato de seus primeiros dois mil exemplares terem sido esgotados. Esse livro foi o que trouxe na carreira da autora a construção de seu reconhecimento como autora nacional, uma vez que se tornou uma obra de grande referência. (MOSER, 2009, p.241-242)

Mesmo com a grande recepção positiva de sua última publicação, como sabemos devido a estudos autobiográficos da autora, Clarice sente-se desgostosa, uma vez que fama e bajulação nunca foram o forte da autora. (MOSER, 2009, p.241-242)

A paixão segundo G.H. foi um romance publicado em 1964, como aponta Moser, foi e ainda é considerado um dos maiores romances do século por excelência. Clarice,

sobre sua composição, escreveu: “Se eu tivesse que dar um título a minha vida ele seria: à procura da própria coisa”. (MOSER, 2009, p.262)

Compilando em um resumo simplificado, a história gira em torno da personagem G.H., uma mulher que, ao mandar sua empregada embora, decide arrumar o quarto em que ela se instalava. Nesse acontecimento simples e cotidiano, G.H depara-se com uma barata e a come. Esse ato tem um significado transcendental, uma vez que trazia a representatividade de encontro pessoal da mulher e, por consequência, transmutava no encontro com a elevação para chegar à Deus. É interessante analisar a utilização de animais, como a barata, para compreender não só a transmutação de significados, mas também a interiorização de elementos que pendenciavam a construção interna da própria autora do livro. Também vale lembrar que este animal aparece em muitas de suas obras e composições literária. (MOSER, 2009, p.262)

Seu segundo livro de contos foi publicado em 1964, intitulado *A legião estrangeira*. Nele, além de contos construídos para o próprio livro, Clarice também juntou alguns contos publicados em jornais, revistas e alguns ensaios. Também é válido ressaltar o aparecimento de seres usuais utilizados por Clarice Lispector, como uma galinha, animal preferido da escritora. Um dos melhores contos de Clarice, “O ovo e a galinha”, aparece em *A Legião Estrangeira*. Desde a infância, crescendo com galinhas no quintal de sua casa no Recife, Clarice se interessava por galinhas e ovos.(MOSER, 2009, p.273)

É válido lembrar também que, além de livros destinados a leitores mais maduros, Lispector também teve presença em algumas composições que se encaminhavam ao público infantil. Obras como *O mistério do coelho pensante* (1967), *A mulher que matou os peixes* (1968) e *O crime do professor de matemática* (1968) fazem parte desse acervo específico. (MOSER, 2009, p.279)

Em 1969, Lispector publica *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, considerado um de seus best-sellers, o qual trata de uma história de amor protagonizada por Loreley e Ulisses. A história se constrói por meio de um enredo baseado na história de um casal que, como o próprio título já propõe, passa por um processo de autoconhecimento e aprendizagem diante da construção da relação. Além também de processos de transgressões sexuais, bem como o processo de Loreley ao aprender os desdobramentos do amor em relação a um homem, Ulisses. Este livro, apesar de sua boa reputação em vendas, até hoje não é muito aclamado pela crítica, uma vez que é considerado um tanto superficial. (MOSER, 2009, p.279)

Felicidade Clandestina foi publicado em 1971. Trata-se de um livro de contos composto pela autora. Nele, há 25 contos e a maior parte deles trata da infância de Clarice, especialmente na cidade de Recife, onde a autora consolidou seus primeiros momentos de vida. Muitos fatos em diversos desses contos, mesmo com personagens que não levam o nome da autora, formam diversos acontecimentos vividos por ela. (MOSER, 2009, p.306)

O livro “*Água Viva*” foi publicado três anos antes de sua morte, em 1973. Foi uma obra trabalhada junto com sua grande amiga, Olga Borelli, essa que teve grande importância em seus últimos momentos. A autora, nesse livro, como diria Moser “buscou escrever um livro que fosse como música ou escultura”. (MOSER, 2009, p.87)

Moser, em análise sobre essa obra, também aponta que:

Em *Água viva* ela descobriria um meio de escrever sobre si mesma de um jeito que transformava sua experiência individual numa poesia universal. No conjunto de uma obra tão poderosa do ponto de vista emocional, tão inovadora na forma e tão radical filosoficamente, *Água viva* se destaca como um triunfo particularmente notável. (MOSER, 2009, p.307)

Trata-se de um livro curto, com menos de 90 páginas, porém, como já apontado por Moser, com uma grande carga filosoficamente individual e radical. O título do livro foi alterado algumas vezes pela autora, primeiramente era para ser intitulado *Atrás do pensamento; monólogo com a vida*, depois *Objeto gritante* e finalmente o nome que conhecemos hoje, *Água viva*. Sabe-se também que a autora se sentia receosa de entregar o livro para a editora, uma vez que se tratava de uma composição desprovida de enredo e linearidade. (MOSER, 2009, p.307)

Também vale lembrar algumas consolidações de Clarice sobre o título: “Eu prefiro *Água viva*, coisa que borbulha. na fonte”, mas para uma obra sem enredo ou história, a sugestão de algo invertebrado e flutuante é especialmente adequada.” (GOTLIB, 1995, p.410)

A hora da estrela é o último romance publicado por Clarice Lispector em vida em outubro de 1977, dias depois a autora foi hospitalizada. Apesar de essa obra ser intitulada *A hora da estrela*, tem ainda 13 títulos, sendo o aqui citado escolhido pela autora como o principal. A história é narrada por Rodrigo S.M, que pode ser considerado um tipo de alter ego de Clarice Lispector. (MOSER, 2009, p. 61-62)

A personagem principal do romance é Macabéa, uma nordestina órfã de pai e de mãe, criada pela tia em seus momentos de infância e adolescência. Em sua juventude,

muda-se para ser datilógrafa na cidade do Rio de Janeiro. A história se constrói no enredo da vida de Macabéa, que tem sua personalidade a partir da narração de Rodrigo S.M. que sempre busca trazer na personagem um ar de inferioridade diante de qualquer coisa ou pessoa que pudesse estar em sua volta. (MOSER, 2009, p. 62-63)

Como aponta Moser sobre o livro e a personagem aqui mencionada: “É a história de uma moça que era tão pobre que só comia cachorro-quente. Mas não é só isso. A história é sobre uma inocência pisada, uma miséria anônima.” (MOSER, 2009, p.362)

É interessante ressaltar que esse romance se aproxima de uma percepção crítica diante das construções sociais. Sobre o último romance publicado em vida pela autora, Moser também afirma:

Muito da fama subsequente de Clarice Lispector, sua duradoura popularidade junto a um público amplo, repousa nesse livrinho, no qual ela conseguiu juntar todos os fios de sua escrita e de sua vida. Explicitamente judaico e explicitamente brasileiro, ligando o Nordeste da infância ao Rio de Janeiro da vida adulta, “social” e abstrato, trágico e cômico, unindo suas questões religiosas e de linguagem com a força narrativa de seus melhores contos, *A hora da estrela* é um monumento digno da “genialidade insuportável” de sua autora. (MOSER, 2009, p.362)

Por fim, trataremos de seu último livro, publicado depois de sua morte, intitulado *Um sopro de vida*. Esse romance foi escrito em 1974.

Com a personagem do gênero masculino, um sopro de vida trata da história de um homem que era escritor, nos relatos do livro ele aparece sempre sem nome. O autor do livro cria a personagem Ângela Pralini, que, no decorrer da narrativa, traz ao leitor a sensação de entender quem realmente escreve os relatos, Ângela ou o próprio escritor.

É interessante ressaltar o grande fluxo de consciência que ocorre durante a narrativa, elemento fundamental nas obras de Clarice. Também sobre esse livro é importante consolidar que pode ser considerado um romance-póstumo, uma vez que foi publicado depois de sua morte. (MOSER, 2009, p. 87)

O livro não tinha sido completamente terminado por Lispector. Sua amiga Olga Borelli é quem foi responsável por juntar os fragmentos do livro para a publicação, de forma que tivesse uma ordem que fizesse sentido para a compreensão do leitor. Moser aponta sobre a obra: “Não apenas publicado, mas também, em certa medida, escrito após a morte de Clarice, um sopro de vida se completa e aperfeiçoa justamente por sua incompletude e imperfeição.”. (MOSER, 2009, p. 341)

3.3 O romance *A cidade sitiada*

Neste subcapítulo, iremos tratar da obra que será presente na análise desta monografia, o romance de Clarice Lispector intitulado *A cidade sitiada*. Buscaremos apresentar e formar a composição de seu enredo de forma que possamos compreender a obra para mergulharmos em considerações posteriores com estruturados objetivos.

A cidade sitiada é um romance escrito por Clarice Lispector quando vivia em Berna, na Suíça. Esse fato é um ponto muito importante, já que, para uma análise mais profunda do enredo e de suas personagens, devemos levar em consideração o contexto geral da vida da autora para melhor compreensão dos fatos.

A cidade sitiada não é um dos livros mais famosos da autora, nem também um dos livros que despertaram um olhar positivo pela crítica. Como já foi pincelado, no tópico anterior, sua publicação foi recusada por algumas editoras até que o conseguisse finalmente publicar. Entraremos na questão crítica do livro em um momento posterior.

Primeiramente, faremos compilações quanto ao enredo do livro e quanto aos acontecimentos em torno da autora na época em que escrevia.

Em *A cidade sitiada*, livro protagonizado por Lucrecia Neves, temos uma adolescente que, sem muita introspecção e sem construções interiores, consolida-se conforme o mundo externo e seu crescimento, podemos dizer, se dá conforme a formação da cidade que cresce junto com ela.

O livro é marcado por elementos visuais, tanto que um dos sentidos mais importantes é a visão, ler o livro é olhar para o subúrbio de São Geraldo, nome da cidade em que Lucrecia Neves cresce e se desenvolve até a vida adulta, e perceber todas as construções que formam a cidade ao redor, os pastos, os animais, a casa em que morava, as ruas e vielas que formavam a cidade. Esse cenário faz parte de uma bela construção não só do enredo, mas da própria personagem principal.

Como aponta Moser sobre a questão da formação muito bem compilada do mundo exterior presente no livro: na qualidade de livro sobre o mundo exterior, é um caso singular na obra de Clarice Lispector. Talvez representasse uma última tentativa de Clarice de sair de si mesma, de fugir do “naufrágio da introspecção”, de escapar da melancolia que ameaçava esgotá-la. (MOSER, 2009, p. 174)

Ou seja, nessa representação da parte externa, podemos muito bem referir a tentativa de refúgio de suas divagações e fluxos de consciência.

O próprio nome da personagem, Lucrécia, podemos dizer que esconde o nome da autora, Clarice. Também é válido ressaltar que a personagem pode se tratar de um verdadeiro *alter ego* da autora por conta de seu baixo nível de introspecção e reflexão, sendo assim uma personagem com uma certa mudez interna, coisa que para a pessoa Clarice Lispector e até mesmo comparando com outras obras da autora é um fato um tanto distante. A autora, no decorrer do livro, aponta até mesmo a metáfora de uma estátua, uma vez que seu nível de consciência não agregava valor considerável. (MOSER, 2009, p. 174)

Moser conforma a ideia de que *A cidade sitiada* comporta uma personagem, Lucrécia, que a autora teria gostado de ser: uma mulher simples de pensamentos e quereres, com necessidades fáceis de serem alcançadas. Também associa isso ao enredo que a personagem vive durante a história que, por sua vez, também é construído por uma cronologia e acontecimentos simples: “vira adulta, casa-se, fica viúva e casa-se de novo.”. (MOSER, 2009, p. 175)

Devido a esse almejar da própria autora, não se nega o fato de o livro também terminar com um final feliz. Assim, com base no livro que Benjamin Moser escreveu sobre Clarice Lispector, comportaremos interpretações importantes sobre o livro em análise.

Podemos entendê-lo por fases que transmitem, além da formação de Lucrécia, a compreensão dos momentos vividos pela própria autora. Quando criança, São Geraldo pode ser comparado à Tchechelnik, cidade sueca na qual Clarice nasceu e viveu seus primeiros momentos. A mudança de fase entre a infância e adolescência é marcada no livro pela expulsão dos cavalos, à medida em que a cidade se movimenta para construções mais civilizadas. (MOSER, 2009, p. 175)

A partir do momento em que a cidade ganha um viaduto e um aterro, marcos de civilização, os cavalos não têm mais seu devido espaço na cidade, ocorrendo o êxodo dessas criaturas, esse êxodo também ocorre com a Lucrécia criança, que passa a se tornar adolescente. Ou seja, a linguagem tanto da cidade quanto da jovem menina evolui. (MOSER, 2009, p. 176)

O símbolo que marca sua adolescência é o jovem Perseu, seu primeiro namorado. Ele representa uma linguagem mais sonora, desprovida de sentido que, como indica Moser, pode ser comparado com uma música. A figura de Perseu, analisando seu próprio nome, pode ser associada com Pégaso, símbolo do cavalo alado encontrado na mitologia grega. (MOSER, 2009, p. 176)

A escolha de uma linguagem mais sofisticada pela personagem Lucrecia se inicia quando aparece Mateus, mais especificamente quando ela troca seu primeiro namorado de adolescência pelo forasteiro. A figura de Mateus pode ser associada ao marido da autora, Maury, pois o forasteiro proporciona à Lucrecia as mesmas coisas que o casamento de Clarice ofereceu a ela. Moser irá ressaltar quanto a essa comparação:

Muito do que para Clarice era desgraça e exílio significava realização e paz para Lucrecia. Depois de rejeitar Perseu, seu namorado sonhador da adolescência, Lucrecia se casa com Mateus, homem rico de outra cidade. Mateus oferece a Lucrecia muito do que Maury podia dar a Clarice. Forasteiro na comunidade dela, culto e cosmopolita, Mateus prometia segurança financeira e a esperança de conhecer o mundo. “Todo homem parecia prometer uma cidade maior a uma mulher”, escreve Clarice. (MOSER, 2009, p.175)

Porém, Lucrecia, assim como Clarice quando morava em Berna, descobre logo que sai de sua cidade natal que estava fora de seu lugar. Sobre esta parte da história, Moser conta:

Mas, assim como Clarice se queixava de que “Berna é um túmulo, mesmo para os suíços. E um brasileiro não é nada na Europa”, Lucrecia descobre, tão logo deixa sua São Geraldo natal, que está fora do lugar: “Uma vez fora do subúrbio, desaparecera sua espécie de beleza, e sua importância diminuía”. Em seu novo lugar, ela é “o membro mais inexperiente da cidade”, embora logo descubra uma espécie de satisfação ali. (MOSER, 2009, p.175)

Retomando alguns conceitos importantes aqui falados, primeiramente o livro nos mostra Lucrecia e São Geraldo crescendo juntos e, a partir do momento em que a cidade ganha um viaduto e um aterro, a menina se torna adolescente; num segundo momento, que também comporta um marco de crescimento, está a sofisticação na linguagem, quando ela conhece Mateus.

Neste aspecto, Regina Pontieri explana que:

É assim que as duas ordens de mudança- o casamento como transformação da personagem e o progresso transformando a cidade- ocorrem simultaneamente, mas deslocadas entre si. Um, entretanto é símile da outra, casamento e progresso equivalendo-se. Pois o que Lucrecia ganha, ao se casar, é tanto o marido quanto a metrópole, para onde se muda. (PONTIERI, 2001, p.131)

É importante ressaltar que *A cidade sitiada* é um livro que não se consolida na construção de uma civilização que caminha quanto aos olhares burgueses, a obra pode,

sim, retratar o crescimento de uma cidade e dos pensamentos de sua população conforme isso acontece, porém o objetivo da autora com este livro é a busca permanente de uma linguagem autêntica. Sua personagem principal, por meio da construção de acontecimentos, quer encontrar a autenticidade de si por meio de suas buscas durante a narrativa. (MOSER, 2009, p.177)

Como já falado anteriormente, o livro é extremamente visual. É por meio da linguagem da visão e de metáforas que Lucrécia se apresenta no livro e no universo que está presente. Tanto que a visão chega a ser o objeto de fala dentro da obra.

Talvez o impulso inicial tenha vindo das horas que ela passava olhando pela janela na Suíça, contemplando a figura inflexível da Justiça. A linguagem de *A cidade sitiada* é a linguagem da visão, e metáforas da visão estão espalhadas insistentemente ao longo do livro. Em certos momentos, a visão chega a substituir a linguagem falada, como quando as pessoas “olham” ou “veem” palavras em vez de falá-las ou pensá-las: “Esta cidade é minha, olhou a mulher”. Os olhares de seus habitantes, não tijolos e asfalto, edificam a nova cidade de São Geraldo. “E a cidade ia tomando a forma que o seu olhar revelava”. “Oh, mas as coisas não eram jamais vistas: as pessoas é que viam. (MOSER, 2009, p. 177)

Ao olhar as coisas, Lucrécia atinge seu ponto de reflexão máxima. Isso, para a autora, é um ponto extremamente positivo, visto que Clarice Lispector nunca em sua vida toda desfrutou da superficialidade das coisas uma vez que ao olhar, imaginar ou se deparar com uma situação sempre foi destinada por sua própria mente a questionar os fazeres da vida.

Essa reflexão quanto à superficialidade da personagem leva a um paradoxo primordial: o fato de o livro e de a personagem transitarem na superficialidade ocasiona outra maneira de atingir a profundidade dos acontecimentos: “[...] mas esse modo de olhar leva, de modo paradoxal mas inevitável, às preocupações metafísicas da própria Clarice. Como fica claro, não ser profundo é simplesmente outra maneira de ser profundo.” (MOSER, 2009, p. 178)

É importante citar sobre a comparação entre Lucrécia e um cavalo que a autora faz questão de sempre formular em sua obra. Essa similaridade faz com que a personagem acompanhe o ritmo ombreado ao dos animais, formulando sua origem e desejos mais profundos.

De acordo com Olga de Sá:

[...] a moça e o cavalo são imagens recorrentes na ficção de Clarice. Nesta obra especificamente, às vezes, ela beira o grotesco, porque Lucrécia dá coice na cauda do vestido, bate a pata no chão e olha as coisas como um cavalo de lado. (SÁ, 1999, p.43)

Com isso, a similaridade com o cavalo ocorre de forma animalesca, uma vez que trata de incorporar seu texto e sua personagem aos instintos do próprio ser.

Se analisarmos, o processo de criação da personagem é transmitido e consolidado através do olhar, ou seja, ela, por meio do olhar, cria tudo o que vê. Assim como, segundo a perspectiva de Moser, esse processo do criar por meio da visão que a personagem constrói pode ser encarado como uma forma divinal de tratamento.

O caráter raso de Lucrécia a liga não apenas a sua criadora imediata, mas com o divino ato de criação em si. Ela cria a cidade, ela cria tudo aquilo que vê. Porque alguma coisa não existiria senão sob intensa atenção; olhando com uma severidade e uma dureza que faziam com que ela não buscasse a causa das coisas, mas a coisa apenas. (MOSER, 2009, p. 178)

A busca da autora pela libertação da forma interna fervorosa de lidar com o mundo é traspassada diretamente por Lucrécia, por meio de metáforas e simbolismos como o cavalo que é, muitas vezes, associado a sua personagem, criatura essa que, além de aprimorar de um corpo e de alma, elege a ordem divinal mais procurada por Lispector: a liberdade da introspecção.

Para Clarice, nesse livro e em tantos outros, o cavalo é uma criatura perfeita, e ganharba forma de um cavalo é uma meta mística, unindo corpo e alma, matéria e espírito. Um cavalo age apenas de acordo com sua natureza, livre dos artificios do pensamento e da análise, e essa é a liberdade pela qual Clarice parece ansiar: a liberdade de fazer o que quer, sim, mas, mais importante do que isso, a liberdade diante do “naufrágio da introspecção”. Para uma pessoa atormentada por seu passado e incapaz de viver em seu presente, o cavalo era também uma solução. (MOSER, 2009, p. 178)

Esse ponto da visão no livro também irá consolidar uma expressão que Moser introduz em seu trabalho:

A impressão era a expressão: Lucrécia e os cavalos são “o símbolo da coisa na própria coisa”. (...) O que um cavalo sente, suas “impressões”, não pode ser corrompido pelas “expressões” verbais, linguísticas, que só podem diluir ou distorcer aqueles sentimentos originais e autênticos. Lucrécia vê apenas superfícies e ela própria não é senão superfície, um outro meio de Clarice buscar a mesma meta: “Apalavra que tem luz

própria”, na qual o sentido e a expressão estão finalmente unidos. (MOSER, 2009, p.179)

Em conjuntura com sua vida fora do livro, Lispector, após finalizar seu último capítulo do livro *A cidade sitiada*, apressa-se para ir ao hospital para dar à luz ao seu primeiro filho, Pedro Gurgel Valente, em 1948, onde conclui finalmente seu livro.

Para a publicação deste, a autora passa por alguns problemas ligados a não aceitação da obra, tanto a editora Agir, responsável pela publicação de *O lustre*, quanto a Jackson Editoras aceitou em publicá-lo. Apenas quando retornou ao Brasil foi que a escritora conseguiu publicá-lo, isso em 1949, quando voltava a morar na cidade do Rio de Janeiro, publicação feita pela editora A noite.

Infelizmente o livro, ainda pior que alguns outros, se tornou um fracasso, recebendo várias críticas negativas quanto a seu trabalho. Mas, ainda sobre o livro, mesmo com críticas não favoráveis, Clarice Lispector, numa crônica intitulada *A descoberta do mundo*, expõe que a escrita do mesmo lhe foi um refúgio que lhe salvou.

(...) da monotonia de Berna foi viver na Idade Média, foi esperar que a neve parasse e os gerânios vermelhos de novo se refletissem na água, foi ter um filho que lá nasceu, foi ter escrito um de meus livros menos gostado, *A cidade sitiada*, no entanto, relendo-o, pessoas passam a gostar dele; minha gratidão a este livro é enorme: o esforço de escrevê-lo me ocupava, salvava-me daquele silêncio aterrador das ruas de Berna, e quando terminei o último capítulo, fui para o hospital dar à luz o menino. Berna é uma cidade livre, por que então eu me sentia tão presa, tão segregada? Eu ia ao cinema todas as tardes, pouco me importava o filme. Naquela hora do crepúsculo, sozinha na cidade medieval, sob os flocos ainda fracos de neve – nessa hora eu me sentia pior do que uma mendiga porque nem ao menos eu sabia o que pedir. (LISPECTOR, 1992, p.286)

O que conclui que, apesar de não ser um livro que tenha gerado aclamações, para Lispector, trata-se de uma obra feita de forma árdua, uma vez que as composições de diversos âmbitos de sua vida não se construíam favoráveis para a autora.

4. A CONSTRUÇÃO DO EXISTENCIALISMO EM CLARICE LISPECTOR

Os provenientes estudos formulados nos capítulos anteriores têm como objetivo guiar a trajetória desta monografia para análise que será construída por meio deste último capítulo. Caminhar pelas ideologias de Jean Paul-Sartre e adentrar no universo estruturado diante da vida de Clarice Lispector são fundamentos básicos para a compreensão e consequentes análises com resultados preparados a partir do objetivo desta dissertação.

Assim, por meio do último capítulo deste último capítulo que corresponderá ao objetivo dessa monografia formularemos dois momentos: o primeiro trata-se de uma elaboração breve e sucinta do contexto dos capítulos escolhidos das obras *A náusea* de Jean-Paul Sartre e do romance *A cidade sitiada* de Clarice Lispector.

Por conseguinte, a partir das informações obtidas quanto aos capítulos em análise, adentraremos no objetivo desse trabalho, buscando a averiguação e comprovação das vertentes filosóficas existencialistas na obra clariceana.

4.1 Percebendo as obras em comparação

Os estudos formulados nos capítulos anteriores têm como objetivo guiar a trajetória desta monografia para a análise que será construída por meio deste último capítulo. Caminhar pelas ideologias de Jean Paul-Sartre e adentrar no universo estruturado da vida de Clarice Lispector são fundamentos básicos para a compreensão e para a conseguinte análise com resultados preparados a partir do objetivo desta pesquisa.

Para início, irá se formular a comparação do décimo primeiro capítulo, “Os primeiros desertores”, do livro *A cidade sitiada* juntamente com a averiguação do capítulo intitulado “cinco e meia” da obra *A náusea*, de Jean-Paul Sartre.

Para a melhor compreensão da análise que desabrochará no subtítulo posterior, é necessário que se entenda o enredo desses dois capítulos citados anteriormente. É necessário o entendimento da construção da história para que se possa elevar o objetivo desta monografia para uma análise mais acentuada dos fatos dispostos por Sartre e Lispector em seus romances em averiguação.

O capítulo “Os primeiros desertores”, da obra de Clarice, trata do encontro de Perseu, ex-petendente de Lucrécia no começo da obra *A cidade sitiada*, que com o decorrer do livro já havia se tornado um homem formado, constituindo-se médico que seguia passagem a caminho da cidade grande, e a mulher de preto, uma madame com experiência de vida, que se encontrava sozinha em uma viagem de trem.

Assimetricamente, os dois cruzam seu caminho numa estação de trem, e percorrem juntos o destino à grande cidade. A partir desse encontro, há grandes acontecimentos que marcam um grande conflito interno dentro das personagens.

No capítulo “cinco e meia” da obra *A náusea*, de Jean-Paul Sartre, a personagem principal, Antoine Roquentin, ao estar completamente exausto do mundo ao seu redor, espera a noite cair e na sua espera vai a seu único refúgio: um café. Esse local é onde ocorre a grande movimentação do romance escrito por Sartre: a náusea existencial. Por intermédio da construção muito bem elaborada da narrativa e movimentações providas por meio do ambiente em que ele se encontra, há a elaboração do capítulo em análise.

Conforme a apresentação sucinta dos dois capítulos em averiguação destrincharemos posteriores análises presentes nesta monografia.

4.2 Os desertores existencialistas

Como já explicitado anteriormente, iremos formular a comparação do décimo primeiro capítulo, “Os primeiros desertores”, do livro *A cidade sitiada*, juntamente com a estudo do capítulo intitulado “cinco e meia”, da obra *A náusea*, de Jean-Paul Sartre.

Buscaremos compreender a edificação do existencialismo na obra de Clarice Lispector por meio da comparação com as fundamentações formuladas no romance de Sartre. É importante ressaltar que a escolha comparativa com a obra de Sartre faz com que a análise caminhe de forma taxativa para comprovar a presença dessa forma de ideologia filosófica presente na narrativa de Lispector.

Ao longo desta análise, iremos perceber a profunda semelhança não só em questão da ambientação proposta nos dois livros em estudo, mas também perceberemos a construção da reflexão íntima manifestada pelas personagens, que se desenvolvem por meio da introspecção elevada tratada por meio da epifania proferida por intermédio da relação ser-objeto.

É importante ressaltar que, nesta seguinte análise, compararemos a náusea formulada nos dois textos, essa que transita nas personagens por meio da epifania desenvolvida a partir das relações do ser diante do mundo ao seu redor. Também é necessário constatar as diferenças entre a náusea sartreana e a clariceana.

Primeiramente, é importante penetrar em duas consistências que formulam a náusea provinda de Lispector e a náusea redigida por Sartre. Em análises feitas diante desses dois parâmetros existencialistas, podemos perceber que há uma diferença entre esse termo quanto aos dois autores. A náusea que Clarice apresenta é manuseada por meio de movimentações físicas, patológicas, já a de Sartre, movimenta-se por meio da formulação filosófica introspectiva. Porém, como afirma Maria Elisa Oliveira:

No entanto, muitos registros específicos encontrados na obra de Clarice Lispector podem estar intimamente ligados a certos tópicos da filosofia da existência e, mais particularmente, ao existencialismo sartreano. Contudo, esse relacionamento não implica admitir-se uma interferência direta de uma filosofia sobre a romancista. Trata-se apenas, como lembra Benedito Nunes, de uma afinidade concretizada no âmbito da concepção-de-mundo de Clarice, mas que não a determina de fora para dentro. Com estas ressalvas, diríamos que a experiência da náusea teve, tanto para Sartre quanto para Clarice Lispector, um significado privilegiado, não se tratando apenas de um mero distúrbio fisiológico, mas de uma experiência que possui um alcance revelador. Ela revela, mais 'exatamente, algo que está além do seu significado imediato e limitado. (OLIVEIRA, 1989, p. 5)

Contudo, é importante ressaltar que Clarice Lispector em uma de suas entrevistas declara:

— A. R. S.: Ainda falando desse livro, você leu os existencialistas ou foi influenciada por eles? — Não, nenhuma. Mais do que isso, minha náusea é diferente da náusea de Sartre. Minha náusea é verdadeiramente sentida, porque quando eu era pequena eu não suportava o leite e quase vomitava quando tinha que beber. Jogavam gotas de limão na minha boca. Ou seja, eu sei que a náusea é no corpo todo, em toda a alma. Não é sartriana (VV. AA., 1997, p. 19). VV. AA. «Clarice Lispector. La escritura del cuerpo y el silencio». Anthropos, Barcelona, Extra 02, 1997.

Porém é incabível, após estudos e análises, afirmar que sua construção literária não se aproxima da formulação da filosofia existencialista sartreana, mesmo que inconscientemente.

Podemos perceber essa aproximação ao analisar de forma comparativa a construção das narrativas existentes no capítulo onze da obra *A cidade sitiada* juntamente com a formulação do romance *A náusea*, de Sartre, em especial no capítulo intitulado “cinco e meia” na obra.

Numa primeira instância, é válido ressaltar a similaridade na ambientação do cenário exterior. Em ambos os capítulos, há grande utilização de um cenário que se formula, utilizando um ambiente que se torna desprovido de tanta iluminação e construído com uma concentração de grande névoa que paira no clima. Em *A cidade sitiada*, a autora narra:

A salinha era mal iluminada por lâmpadas em abajur sobre as três únicas mesas. O rápido interesse de Perseu pela mulher apagara se, restava apenas a impaciência de tomar o próprio rumo. [...] Na verdade, a luz fraca do bar cansava-lhe a vista. E na imunda claridade, a criatura cada vez mais desconhecida à sua frente oscilava uma cara fantástica (LISPECTOR, 1998, p.180)

A semelhança em *A náusea*:

Ao mesmo tempo, sentia a camisa roçar-me contra a ponta dos mamilos, e era cercado, arrastado, por um lento turbilhão colorido, um turbilhão de névoa, de luzes no fumo, nos espelhos, com os assentos que brilhavam ao fundo; e não via por que é que aquilo se passava ali, nem porque se passava assim. (SARTRE, 2016, p.33)

Essa concepção de ambiente auxilia a construção do clímax por meio da concepção imagética das sensações e cenários dispostos nas obras a caminho da náusea. Ou seja, da edificação da construção existencialista.

Também vale constar que, em ambos os capítulos em análise, estabiliza-se a pouca estruturação de diálogos entre as personagens, principalmente no decorrer da construção da náusea existencial. Como ressalta Carolina Hernández Terrazas

Diversos críticos se referiram a Clarice Lispector como uma “autora dos silêncios”. Trata-se de um silêncio que tem, por sua vez, duas consequências diretas, definidas, também, no processo da náusea, em nível corporal e em nível existencial. O primeiro tem uma relação direta com a própria personagem e o outro com sua relação com o mundo, o momento em que entra em contato com a alteridade e sua impossibilidade de comunicação. (TERRAZAS, 2015, p.221)

Na obra *A cidade sitiada*, pode-se perceber momentos em que este silêncio, além da pouca utilização de diálogos, se apresenta:

Perseu, porém, não a olhava mais, agora interessado em penetrar a escuridão através da vidraça. Nenhuma mulher receberia o calor de sua alma que ele um dia talvez desse a um amigo. Esquecera a mulher e espiava a noite pela vidraça – instável, grande, silencioso no impermeável. Mas não era apenas uma força cega. [...] Mas ele parecia sempre arranjar-se em silêncio. Se não entendia as notas obscuras, acompanhava-as com uma pequena parte enigmática sua que se comprazia na nitidez do mistério. (LISPECTOR, 1998, p.179-180)

Também é importante salientar que a construção de um ambiente voltado para uma formulação mais silenciosa, como já citado por Terrazas, remete à questão da alteridade, manifestação muito presente na obra de Clarisse Lispector. A alteridade nada mais é do que a percepção do Outro, daquilo que é distinto. Esse termo também é constantemente condizente com a filosofia sartreana, uma vez que, para encaixar-se na construção ideológica existencialista, é necessário, além de perceber a si mesmo, ter a percepção do Outro.

[...] eu não descubro apenas a mim mesmo, mas também os outros. [...] e o outro é tão verdadeiro para nós quanto nós mesmos. Assim, o homem que se alcança diretamente pelo cogito descobre também todos os outros, e descobre-os como sendo a própria condição de sua existência. (SARTRE, 1970)

Esse silêncio é mencionado nas obras e Antônio Maura Barandiarán irá relatar:

Quer dizer que se trata de uma escrita do silêncio, ou se trata de uma escrita ante o silêncio? ... todos os caminhos devem ser explorados pela voz. A palavra arde como chama para iluminar o mais fundo da gruta da matéria e da energia: na força vital que se transforma em corpo e nesse corpo que se transforma em paixão, na vida. Escrita como tradução do silêncio, sim. E escrita como desafio ante o calado. Essa mulher, que talvez seja uma das únicas escritoras capaz de distinguir diferentes silêncios como nós distinguimos diferentes palavras, está comprometida com ambas as disputas. Uma mulher que foi capaz de elaborar uma linguagem habitada por buracos, uma escrita de silêncios. “O que não sei dizer é mais importante do que o que digo”. “Cada vez escrevo com menos palavras. Meu melhor livro surgirá quando eu faça tudo sem escrever”. Nesse momento, quando as palavras mudas se sucedam umas às outras como uma respiração

cadenciada, como o silencioso discurso do sangue, então algo mágico terá acontecido sucedido. Todos entenderemos sem dizer, e o silêncio será a mais rica das línguas. Escrita do silêncio e contra o silêncio, portanto. Escrita do corpo. Escrita (BARANDIARÁN, 1997, p. 96)

Por intermédio dessa trajetória, é válido que compreendamos o silêncio provindo da narrativa em foco de análise: a escrita Lispector é um instrumento extremamente necessário para que alcance a alteridade e por intermédio desta atinja a concepção existencialista em sua obra.

Um elemento fundamental que auxilia a construção da alteridade que aparece nos dois textos em análise é o espelho. Uma vez que se trata de um recurso importante tanto nas obras de Clarice Lispector, em que muitas das vezes a personagem se depara com a presença dessa peça, e também em questão da evolução da história da filosofia:

Mark Pendergrast introduz-nos, pois, uma história cujos protagonistas são os seres humanos que utilizaram o espelho por motivos diferentes. A percepção do espelho teve uma grande evolução na história da filosofia, e evoluiu no terreno da ciência. (TERRAZAS, 2015, p. 18)

A aparição desse objeto constitui-se nas obras analisadas nas seguintes citações, em Clarice Lispector:

Sorriu rapidamente ao rapaz, o tempo urgia, não havia um minuto a perder. O rapaz sorriu-lhe de volta. Sem poder deixar de perceber, descobriu nessa resposta certa imoralidade artificial e constrangida: por amabilidade ele dava o que o rosto de uma mulher cansada parecia pedir. Mas ela pulou por cima disso também – nunca ser agora retida por um obstáculo – pulou por cima, continuava a correr em busca da fruta inteira, o ouro da fruta na árvore, o vestido de baile, os grandes olhos no espelho, aquele começo de compreensão que era apenas o mundo ao seu redor, e que se tornara depois a arma, sua imagem antes de pôr a capa nos ombros e sair – a fruta de ouro no espelho — maravilha! ela também já fora incompreensível, remota! nunca vi olhos tão grandes, disse nas luzes um rapaz de preto. (LISPECTOR, 1998, p.183)

E em *A náusea*, de Jean-Paul Sartre:

Enchia a sala com a sua transparência metálica esborrachando contra a parede o nosso tempo miserável. Agora estou dentro da música. Nos espelhos rolam bolas de fogo; cercam-nos anéis de fumo, que giram, encobrimo e descobrimo o sorriso duro da luz. (SARTRE, 2016, p.38)

A respeito da aparição desse objeto, vinculando-o à questão da alteridade, Terrazas afirma:

Desde a antiguidade o espelho tem sido objeto de ficção em mitos, romances e lendas, por vezes referido como fonte de expressão e de conhecimento. E, enquanto a literatura reflete a transformação do espelho “sagrado” num objeto cotidiano, na pintura ele aparece como uma evolução da própria arte. É esse aspecto o que interessa a nosso estudo: na medida em que o espelho se tornou tão indispensável na vida cotidiana, e como é indispensável para as personagens de Clarice Lispector. Na medida em que veem um espelho, as personagens se descobrem. Na medida em que veem o outro, visto como espelho de si mesmas, criam-se a si próprias. Na filosofia, este processo se denomina alteridade. (TERRAZAS, 2015, p.18)

Podemos perceber diante, desses dois trechos dos livros, juntamente com os levantamentos de Terrazas, a formulação da construção da filosofia existencialista em Clarice Lispector por meio da comparação da construção da alteridade com o texto de Sartre. Também é válido ressaltar a importância que esse objeto tem quando tratamos da náusea existencial que se busca analisar neste trabalho.

Por meio da alteridade presente no texto, forma-se a construção do grande fluxo de consciência submetido tanto no texto de Lispector quanto no de Sartre, esse fluxo de consciência é um elemento extremamente atrelado à alteridade, uma vez que ele possibilita a reflexão tanto do ambiente externo quanto de elementos construídos pela introspecção.

Esses dois elementos tornam-se essenciais para a elaboração da náusea e, por consequência, para a construção existencialista presente no texto.

Na obra de Sartre, o fluxo de consciência é constituído a partir de um personagem-narrador, a personagem narra a história em primeira pessoa e concretiza seu divagar por meio da linguagem direta atribuída no texto. Já em *A cidade sitiada*, essa construção é feita por meio do discurso indireto livre, permitindo o acesso ao fluxo de consciência da personagem dentro da narrativa.

Podemos, a partir dos trechos seguintes, retirados das duas obras em análise, perceber a constatação desse elemento na narrativa de Lispector e de Sartre respectivamente:

Parecia-lhe impudico chamar atenção. Era, no entanto, o que sempre lhe sucedia. Sua calma insignificância fazia as pessoas erguerem os

olhos e fitá-lo em indagação, da qual estranhamente participava alguma insolência. O que o perturbava. Mas na maior parte das vezes era percebido apenas sem consciência, como se olha o dia. De fato, o casal silencioso fitou-o rapidamente, sem tempo, como se ele fosse o único passageiro. A mulher corada tinha queixo sensível e olhos pequenos. O homem era fraco, desnordeado: de barba raspada e esverdeada, olhos verdes, mãos cinzentas e bem feitas. (LISPECTOR, 1998, p.178)

Paguei. Madeleine levou-me o pires. O meu copo esmaga contra o mármore uma poça de cerveja amarela, onde flutua uma bolha. O assento está desencaixado, no sítio em que me sentei, e sou obrigado, para não escorregar, a fincar as solas dos sapatos no chão, com força. Está frio. À minha direita, uns sujeitos jogam às cartas sobre um pano de lã. Não os vi, ao entrar; senti simplesmente que estava ali uma trouxa morna, meio sobre o assento, meio sobre a mesa do fundo, com pares de braços a agitar-se. (SATRE, 2016, p. 34).

Por fim, a partir da análise comparativa dentre todos esses elementos citados durante este capítulo, buscaremos formular a percepção da construção da náusea existencialista nas duas obras.

É importante perceber que cada elemento citado leva à construção da náusea existencialista em Clarice Lispector. A união de cada elemento: ambientação, silêncio, alteridade e fluxo de consciência, são recursos de extrema importância para que o ápice da narrativa aconteça. Por meio de um emaranhado linguístico consolidado por esses meios de construção textual, Clarice Lispector adentra por meio da introspecção a consciência que flui por intermédio da filosofia existencialista e auxilia a movimentação da formulação de questões sobre a existência.

A náusea, nas duas obras, se constrói devido a um grau elevado de percepção do mundo, com resultado da percepção demasiadamente interna. Ela pode ser associada à epifania, diante do esclarecimento por ordem divina. Esse estado lucido de encontro com o mundo se faz tão presente dentro das personagens que gera até mesmo reações fora do ambiente externo, ou seja, a náusea física.

Para compreendermos melhor a aparição dessa forma de percepção de mundo, citaremos trechos existentes nas obras que comprovem a presença da náusea existencial:

E talvez pelo absurdo do nome, pela noção do tempo que se passava, pela beleza do nome — ficou muito cansada. A salinha vazia, um trem passava pela estação, as malas. Tudo se escureceu, a cena transportou-se para o sono — tudo se obscurecera íntimo, dentro da bebida. E na sombra o coração suave da mulher, sem dor, em amor fatigado. Sou tua, pensou mentindo, um pouco nauseada. A lâmpada fraca se equilibrava na estação, estava muito bom viver mas ela precisava vomitar. Tudo

pesava. Gotas de chuva escorriam. O rapaz inamovível... parecia piscar-lhe um olho? ela piscou-lhe de volta — enfim no centro deste mundo pequeno, nesta desordem confortante de vida, com enjoo, os olhos pretos cheios de ouro. Que maravilha. (LISPECTOR, 1998, p.187)

A náusea na obra de Sartre se manifesta no seguinte trecho:

Então a Náusea acometeu-me, deixei-me cair no assento, nem sequer já sabia onde estava; via as cores girarem lentamente à minha volta, tinha vontade de vomitar. E aqui está: desde então que a Náusea não me deixa; a Náusea apossou-se de mim. (SARTRE, 2016, p.34)

Podemos perceber, nos dois trechos, que a náusea se consolida por meio de uma complexa formulação de estruturas exteriores e interiores dentro das personagens e, no mesmo capítulo em que Sartre apresenta a náusea, ele a irá compor ainda melhor:

A sua camisa de algodão azul sobressai alegremente do fundo cor de chocolate que é a parede. Também isso me faz náuseas. Ou antes: é isso a Náusea. A Náusea não está dentro de mim: sinto-a além, na parede, nos suspensórios, em toda a parte à minha volta. Constitui um todo com o café; sou eu que estou dentro dela. (SARTRE, 2016, p. 35)

Podemos perceber, por meio desse trecho citado, que a náusea é a junção de todos os âmbitos da percepção do ser com o que está fora, fazendo assim que com ele faça parte de toda essa construção. A percepção desses elementos faz com que a personagem consolide sua concepção de tudo e de si próprio.

Após visualizarmos o momento em que a náusea se apresenta, é interessante ressaltar dois pontos de grande importância sobre os quais se pode debruçar nos textos: o primeiro, a sensação desagradável e enjoativa que está ao redor das personagens, como denota-se nos trechos apresentados anteriormente. E o segundo, trata-se do sentimento elevado após o indivíduo passar por esse processo. Em Sartre:

Começo a reanimar-me, a sentir-me feliz. Por enquanto não é nada de extraordinário, é uma felicidade modesta uma felicidadezinha de Náusea: aparece no fundo da poeira viscosa no fundo do nosso tempo - o tempo dos suspensórios cor de malva e dos assentos desencaixados - , feita de instantes largos e moles, que alastram pelas beiras como uma nódoa de gordura. Mal tinha nascido, já estava velha; parece-me que a conheço há vinte anos. Há ainda outra felicidade: fora de mim há aquela faixa de aço. a duração limitada da música que atravessa o nosso tempo de lado a lado, e o recusa, e o rasga com as suas pontas secas e agudas; há um tempo diferente. (SARTRE, 2016, p.37)

No romance de Clarice Lispector:

Levantou-se, desapareceu por uma porta. Perseu aterrorizado ouviu-a vomitar. Em breve voltava enxugando a boca, os olhos ainda maiores, e sorrindo encantada com modéstia. Um trem se aproximou sacudindo a salinha. A mulher sorria toda dentro de si, com certo enfado. Acho que já posso largá-lo, pensou. De início segurara-se com as unhas partidas em cada minuto. Mas agora estava distendida como depois de uma operação e queria ficar só com suas ataduras. Examinou ainda o rapaz que ela, com tanto esforço, conservara inteiro — olhou-o e balançou a cabeça como uma velha. Gostaria de juntar duas cadeiras, enrolar-se e dormir. Sentia-se ainda grata a alguma coisa, e a voz, quando tossiu, saiu grossa. (LISPECTRO, 1998, p. 188)

É de grande clareza a percepção da gratuidade nos personagens, tema muito presente em Clarice Lispector, com o universo que se consolida ao seu redor. Por meio da náusea epifânica da percepção interior e exterior, o indivíduo, após esse processo, encontra-se em estado divinal, consegue, por meio deste, atingir o estado de êxtase existencial por meio da náusea existencialista.

Por fim, utilizaremos mais dois trechos do capítulo “Os primeiros desertores”, para conclusão ainda mais clara da existência da filosofia existencialista na obra de Clarice Lispector:

Nem a inocência de Lucrecia Neves, nem a danação da mulher de preto, nenhum desses ávidos seres femininos que se esbatiam em torno da realidade conseguiria tocá-lo porque ele era a realidade: um homem moço calado, metido num impermeável. Assim o viram de uma janela, a mão curiosa afastando a cortina; e ele não passava disso. Evitando as poças d’água. Além de tudo era livre: não pedia provas. (LISPECTOR, 1998, p.191)

A partir de uma análise voltada a filosofia sartreana, podemos perceber por meio do trecho citado a construção da questão de liberdade presente na filosofia de Sartre, uma vez que, dentro de sua obra filosófica, o homem é livre para escolher e se constituir.

E novamente, em questão da liberdade por escolher, podemos analisar por intermédio da filosofia sartreana o seguinte parágrafo:

Andava olhando os edifícios sob a chuva, de novo impessoal e onisciente, cego na cidade cega; mas um bicho conhece a sua floresta; e mesmo que se perca — perder-se também é caminho. (LISPECTOR, 1998, p.191)

Ou seja, “perder-se” ou melhor, com as palavras de Sartre “não escolher”, pois quem se perde “não escolhe” estar perdido, já faz a conclusão de uma escolha.

Por meio desses apontamentos feitos diante desta investigação consolidada durante este capítulo, pudemos perceber que tanto a narrativa sartreana quanto a clariceana transitam por intermédio da construção filosófica existencialista. Ou seja, Clarice Lispector, mesmo inconscientemente, caminha juntamente com sua legião de desertores existencialistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante o exposto, considerando todos os dados coletados, podemos perceber grande presença da formulação filosófica existencialista nas obras de Clarice Lispector, destacando-se neste trabalho o livro *A cidade sitiada*.

Averiguar a consistência da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre presente no primeiro capítulo, foi um elemento de grande importância e para as análises feitas neste trabalho. Transitar pela ideologia do existencialismo na literatura, mesmo que sucintamente, tornou-se um ponto bastante relevante para compreender a ligação entre literatura e filosofia que o autor Jean-Paul Sartre esmiúça em suas obras.

Outrossim, percorrer por relatos da trajetória de Clarice Lispector mediante um olhar autobiográfico da autora, trouxe inegável auxílio para a compreensão do panorama de vida experienciado pela mesma, cujos traços de seu caminhar mostraram-se valiosos para compreender a construção da ideologia existencialista em suas obras.

Nesse passo, um exame mais aprofundado sobre a recepção crítica de suas obras também se tornou um fator importante para a interpretação dos textos provindos da escrita clariceana, uma vez que auxiliou na compreensão de suas entrelinhas.

Ademais, em razão da profundidade filosófica do tema, necessário se revelou também aplicar um olhar mais analítico comparativo entre a obra *A cidade sitiada* de Clarice Lispector e a filosofia existencialista de Jean-Paul Satre, de modo que se criasse uma ponte de convicção e constatação do diálogo entre tais fontes.

Assim sendo, em face do objetivo proposto neste trabalho, qual seja aferir como o existencialismo se manifesta na obra *A cidade sitiada* escrita por Clarice Lispector, utilizando como paralelo a obra *A náusea* de Jean-Paul Sartre, pode-se concluir que

permeiam sim os pilares da construção do existencialismo deste nas obras da autora, de modo que restou, cristalino, também que o eixo filosófico abordado se comunica de forma evidente na obra em testilha, revelado na construção de personagens focados no pensar do “eu”, sua essência e significância para com o mundo no qual se encontram inseridos, características essas refletidas na ficção fruto do pensar da própria autora em sua jornada de vida pessoal.

Portanto, restou comprovada, claramente, a existência da filosofia sartreana dentro das entrelinhas clariceanas, tornando assim tanto suas personagens quanto a própria autora verdadeiros desertores existencialistas que transita sobre a terra.

REFERÊNCIAS

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Paris: Les Éditions Nagel.

Literatura. Origem da Palavra. 2017. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/palavras/literatura/>>. Acesso em: 07. Nov. 2020.

AGRÒ, Ettore Finazzi. **O des-afastamento Vilma Arêas leitora de Clarice Lispector**. Remate de Males, 26(2) – jul./dez. 2006.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

De Onde vem a palavra estranho? **Português em forma**. 2013. Disponível em: <<http://portuguesemforma.blogspot.com/2013/11/de-onde-vem-palavra-estranho.html>>. Acesso em: 14. Nov. 2020.

GÓIS, Edna Cristina de. **O dever da faceirice: corpo e feminidade no colonismo e na ficção de Clarice Lispector**. Revista Cerrados. Brasília, n.24, ano 16, 2007, Universidade de Brasília.

GOTLIB, Nadia Battella. **Clarice, uma vida que se conta**. São Paulo. Ática, 1995.

LITERATURA. **Origem da Palavra.** 2017. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/palavras/literatura/>>. Acesso em: 07. Nov. 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo.** Rido de Janeiro. Rocco. 1999.

_____. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres.** Rio de Janeiro. Rocco. 1998.

_____. SABINO, Fernando. **Cartas perto do coração.** Rio de Janeiro, Record. 2001.

MAURA BARANDIARÁN, Antônio. **Clarice Lispector: La escritura del cuerpo y el silencio.** Revista Anthropos. Barcelona, Anthropos Editorial, n. 2 (Extra), 19 de diciembre de 1997. Disponível em: . Acesso em: 18 nov. 2020.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia.** 1ª Ed. São Paulo: Editora Cosac & Naify. Tradução de José Geraldo Couto. 2009.

NEVES, Ana Caroline Barreto. **Escrever é uma indagação: Clarice Lispector e suas reflexões sobre a escrita.** Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9, Julho 2011. p. 6. Disponível em: <http://www.revistadiadorim.letas.ufrj.br/pdf-layout-diadorim.indd>. Acesso em: 14.Nov.20.

OLIVEIRA, Maria Elisa de. **Considerações a respeito do existencialismo na obra de Clarice Lispector.** Trans/Form/ Ação. São Paulo. Departamento de Filosofia - Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP - 1 7500 – Marília. 1989.

PONTIERI, Regina. **Clarice Lispector: uma poética do olhar.** Cotia. Ateliê editorial. 2001.

RIBEIRO, Livia Paiva. **Um passeio poético por entre a cidade sitiada de Clarice Lispector.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2014.

SANTOS, Kleber Pereira dos. **A visão existencialista da criação literária por Jean-Paul Sartre**. Manuscrita, 2005.

SÁ, Olga de. **Clarice Lispector: A travessia do oposto**. São Paulo: Annablume, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. **A idade da razão**. 2. Ed. São Paulo. Editora Difusão Europeia Livro, 1959.

_____. **O Existencialismo é um humanismo**. Paris: Les Éditions Nagel. 1970.

_____. **Que é literatura?** São Paulo, Ática. 1989.

TERRAZAS, Carolina Hernández. **Poéticas da náusea em Clarice Lispector**. Olho d'água, São José do Rio Preto, Jul.–Dez./2015.

LISPECTOR, Clarice, **A cidade sitiada**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SARTRE, Jean-Paul, **A náusea**; tradução Rita Braga, - [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.